

O IMIGRANTE ITALIANO EM *BRÁS, BEXIGA E BARRA FUNDA*:

REPRESENTAÇÕES DE ACULTURAÇÃO

by

JULIANO ANTONIO VIDAL SACCOMANI

(Under the Direction of Susan Canty Quinlan)

ABSTRACT

Of great importance in the history of the solidification of agricultural and industrial workforces in Brazil, the Italian immigrant helped the development of the Southern and Southeastern regions in Brazil. These immigrants also served as characters in several literary works in the 1920s. Coinciding with the onset of the Modernist Movement, the ever-increasing presence of such characters in the context of residents of São Paulo were ignored by many writers of that time. Antônio de Alcântara Machado is considered the spokesman of the Italian presence in São Paulo. With his journalistic style, he depicted such characters as if they were in a picture formed by words. However, the way these immigrants were depicted in *Brás, Bexiga e Barra Funda*, his masterpiece, indicates that such immigrants went through the process of acculturation. That was due to their intention to integrate to the society of that time. This depiction implies a certain superiority of the paulistano citizen when compared to the Italian immigrant as well as other aspects presented in this study.

INDEX WORDS: Alcântara Machado; Italian immigration; Acculturation; São Paulo; *Brás, Bexiga e Barra Funda*; Brazilian Modernism

O IMIGRANTE ITALIANO EM *BRÁS, BEXIGA E BARRA FUNDA*:

REPRESENTAÇÕES DE ACULTURAÇÃO

por

JULIANO ANTONIO VIDAL SACCOMANI

(Sob a Direção de Susan Cauty Quinlan)

RESUMO

De grande importância na história da formação do Brasil, o imigrante italiano não apenas ajudou no desenvolvimento econômico e industrial das regiões Sul e Sudeste, como também serviu como personagem em diversas obras literárias. Coincidente com o surgimento do Movimento Modernista no Brasil, a crescente presença desse personagem no contexto paulistano não foi ignorada por escritores da época. Considerado grande representante da presença italiana em São Paulo, Antônio de Alcântara Machado, com seu estilo jornalístico, descreveu esses personagens como em uma foto formada por palavras. No entanto, a maneira como esses imigrantes foram retratados em *Brás, Bexiga e Barra Funda* indica que tais imigrantes passaram pelo processo de aculturação, com o intuito de integrarem-se à população já existente à época. Essa retratação implica, além de outros aspectos aqui discutidos, certa superioridade do cidadão paulistano – e, conseqüentemente, brasileiro – em relação ao imigrante italiano.

PALAVRAS-CHAVE: Alcântara Machado; Imigração Italiana; Aculturação; São Paulo; Brás, Bexiga e Barra Funda; Modernismo

O IMIGRANTE ITALIANO EM *BRÁS, BEXIGA E BARRA FUNDA*:
REPRESENTAÇÕES DE ACULTURAÇÃO

by

JULIANO ANTONIO VIDAL SACCOMANI

Master of Arts, University of Georgia, 2015

BA, Universidade Federal de São Carlos, Brazil, 2010

A Thesis Submitted to the Graduate Faculty of The University of Georgia in Partial
Fulfillment of the Requirements for the Degree

MASTER OF ARTS

ATHENS, GEORGIA

2015

© 2015

Juliano Antonio Vidal Saccomani

All Rights Reserved

O IMIGRANTE ITALIANO EM *BRÁS, BEXIGA E BARRA FUNDA*:
REPRESENTAÇÕES DE ACULTURAÇÃO

by

JULIANO ANTONIO VIDAL SACCOMANI

Major Professor:	Susan Canty Quinlan
Committee:	Robert Henry Moser
	Ángel Nicolás Lucero

Electronic Version Approved:

Julie Coffield
Interim Dean of the Graduate School
The University of Georgia
May 2015

DEDICATÓRIA

Eu dedico meu trabalho à minha família. Perto ou longe – ou muito longe, em alguns casos –, o apoio e o incentivo que eu sempre recebi foram os combustíveis essenciais sem os quais nada seria possível, tampouco valeria a pena.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus. Por Seu amor incondicional, e pelas infinitas bênçãos que são derramadas em minha vida diariamente.

Agradeço minha família de sangue. O apoio e os incentivos recebidos sempre fizeram com que a distância e as saudades, por pior e mais dolorosas que fossem, valessem o esforço.

Agradeço meus amigos, minha segunda família. A amizade de todos, de qualquer nacionalidade, perto ou longe, sempre presentes ou em encontros ocasionais. Os bons momentos que passamos juntos fazem tudo valer a pena.

Agradeço a professora Susan Quinlan por toda a ajuda, por todos os conselhos, e pelas oportunidades oferecidas.

Agradeço o professor Robert Moser pelas oportunidades e orientações durante meu tempo aqui em Athens.

Agradeço o professor Nicolás Lucero pela disposição e os valiosos conselhos para o enriquecimento do presente estudo.

Agradeço todos os outros professores que tive, em qualquer nível. O conhecimento que compartilharam comigo me fez ser quem sou hoje.

TABLE OF CONTENTS

	Page
AGRADECIMENTOS	v
CAPÍTULO	
1 INTRODUÇÃO	1
Objetivos Gerais.....	5
Objetivos Específicos.....	6
Contexto Histórico	7
O Movimento Modernista.....	9
O Autor	12
A Obra de Alcântara Machado	13
Brás, Bexiga e Barra Funda	17
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	20
Aculturação	20
Identidade Étnica	23
Transculturação.....	25
Aculturação ou Transculturação?	29
O Imigrante no Modernismo.....	32
O Imigrante em Brás, Bexiga e Barra Funda.....	40
Natureza dos Contos	47
3 ANÁLISE	49

Notas Biográficas do Novo Deputado	50
Armazém Progresso de São Paulo	56
A Sociedade	60
Nacionalidade	68
4 CONCLUSÃO	74
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	83

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

Desde o momento em que foi descoberto até o começo do século XX, a população do Brasil aumentou significativamente devido ao influxo de povos de outros continentes que vieram habitar suas terras. Depois da abolição da escravidão em 1888, imigrantes europeus foram convidados a mudarem-se para o Brasil com o intuito de ajudarem na vida agrícola, bem como ajudar a ‘embranquecer’ a população que era percebida como sendo muito ‘escura’ devido às constantes interações sexuais entre os brancos portugueses e as escravas africanas. O governo brasileiro dirigiu suas campanhas migratórias aos italianos devido a crises agrárias que os italianos enfrentavam à época. De acordo com o pesquisador brasileiro Antonio Hohlfeldt em seu livro *Pelas Veredas da Literatura Brasileira*:

Entre 1869 e 1962, ou seja, durante cerca de 96 anos, partiram da Itália aproximadamente 24 milhões de emigrantes, em expedições diversas, dependendo da situação interna e externa do país. Essa emigração se deu de modo significativo para os Estados Unidos, Argentina, Uruguai e Brasil, e em nosso país especialmente nos estados de São Paulo e Rio Grande do Sul, atingindo cifras de cerca de um milhão e quinhentas mil pessoas. (31)

Podemos entender que talvez tenha sido semelhança no clima que fez com que a maioria desses imigrantes, ao chegar, tenha ficado nas regiões Sul e Sudeste do país, principalmente nos estados do Rio Grande do Sul e de São Paulo, respectivamente.

Durante esse período, ambos os estados estavam passando por um rápido crescimento em suas economias, crescimento esse que estava sendo conduzido por uma industrialização ainda mais rápida. Não apenas os centros urbanos, como também as lavouras do interior desses estados estavam necessitadas de mão-de-obra, o que fez com que esses imigrantes não vissem a necessidade de procurar emprego em outros lugares, levando-os a se assentarem nos já mencionados estados.

Os imigrantes italianos se tornaram uma grande parte da população dessas regiões e seu processo de adaptação foi descrito de várias maneiras. Uma das maneiras de se analisar esses processos é por meio da literatura que foi produzida à época. Como o sociólogo Renato Pacheco afirmou em 1956, “no Brasil, os ficcionistas é que, antes de antropólogos e sociólogos, falaram de questões de contato racial e cultural, de assimilação e aculturação” (202). Isso quer dizer que a literatura fornece uma visão abrangente sobre os estados da imigração e suas contribuições para o Brasil.

De todos os percalços pelos quais os indivíduos passam quando migram, tais como o choque de culturas, a hostilidade que pode vir dos habitantes originais do local ou mesmo problemas tais como a diferença de línguas e a mobilidade social, há um momento em que é possível dizer que esse migrante se adaptou e se assimilou ao novo contexto, o que quer dizer que esse migrante experienciou *aculturação*.

Como Paul Lakey afirma no estudo em que trata de pesquisas sobre aculturação, o termo pode ter vários significados e nuances que variam de acordo com o pesquisador e a área de estudo. Na presente pesquisa, o termo será visto sob o prisma de Marden & Meyer, que afirmam que aculturação é “a mudança pela qual passam indivíduos (e, caso dividam as mesmas experiências, grupos de indivíduos) cujos aprendizados iniciais

tenham sido em uma cultura e que adquirem características de uma outra cultura”¹ (Marden 35) e como Lakey aprofunda mais o tema, podemos afirmar que ‘ao passar pelo processo de aculturação a uma nova cultura, os imigrantes devem adquirir os padrões culturais dos hospedeiros, bem como desenvolver relações funcionais com o novo ambiente”² (104). Além disso, o autor também afirma que há “um ponto de vista interativo do processo de aculturação que entende que a mudança ocorre tanto no imigrante quanto nos membros da sociedade hospitaleira”³ (104). Pode-se, portanto, esperar que, nos trabalhos que tratam da temática da imigração, não apenas os percalços passados pelos imigrantes sejam mostrados, mas também o modo pelo qual sua presença alterou a realidade do local que os hospedou. Sob o prisma da aculturação, práticas culturais são substituídas ao ponto de que alguma das culturas acaba por adotar as práticas sociais de uma cultura geralmente dominante.

Contudo, há uma outra corrente que propõe uma diferente análise ao processo pelo qual o imigrante passa, chamada de *transculturação*. O pressuposto dessa corrente também é o contato a que são expostas culturas diferentes, gerando, no entanto, não a supressão de características de uma ou outra cultura por motivos de maior imposição. O que ocorre em casos de *transculturação*, ao contrário, é a criação de uma terceira cultura. Essa terceira sendo uma nova cultura que apresenta algumas características de cada uma das culturas iniciais, porém de um modo em que nenhuma aparente deter superioridade sobre a outra.

¹ Minha tradução para “the change in individuals (and, if sharing the same experiences, groups of individuals) whose primary learning has been in one culture and who take over traits from another culture”

² Minha tradução para “to acculturate themselves to the new culture, immigrants must acquire the host cultural patterns and develop working relationships with the new environment.”

³ Minha tradução para “interactive viewpoint of the acculturation process which understands change to occur in both immigrants and members of the host society.”

No caso do continente americano, pesquisadores tais como Fernando Ortíz, Angel Rama entre outros, afirmam que o conceito de transculturação é o mais específico para descrever os inúmeros processos pelos quais os países desse continente passaram visto que todos foram colonizados em diversas épocas por distintos povos com objetivos diferentes em cada momento. Mais especificamente no caso do Brasil, é inegável como a influência dos povos que originariamente habitavam a terra somadas às influências das diversas levas de povos que chegaram depois ao país contribuíram para a criação de uma sociedade ímpar.

Como Tatiana Pereira apresenta em sua dissertação de mestrado, ‘a essência do processo de transculturação não é uma assimilação ou adaptação passiva a moldes culturais fixos e definidos e, sim, um processo no qual tanto a cultura que tenta se impor como a receptora passam por modificações.’ (15) A definição que a autora oferece é útil em auxiliar na compreensão daquilo que trata o processo de transculturação. Auxilia, também, na confirmação de que foi esse o processo pelo qual o Brasil passou ao longo de sua formação social. A partir do século XXI, olha-se para a história do país e é possível notar como diferentes povos contribuíram para a mescla cultural que acabou por tornar-se Brasil. País que de manteve apenas a língua e alguns costumes de seu colonizador principal, visto que a cultura inicialmente imposta pelo colonizador português transculturou-se devido ao contínuo contato com diferentes culturas e sociedades que habitaram o país. Dentre essas culturas, as mais proeminentes foram as culturas indígenas e aquelas vindas com os escravos africanos. Ainda que o conceito de transculturação tenha sido implantado como uma alternativa mais abrangente do que o termo aculturação, não se pode afirmar que essa seja a realidade em todos os momentos.

Dois conceitos um tanto quanto diversos em relação a uma terceira cultura que é ou não resultado final do contato entre duas ou mais culturas primeiras, *aculturação* e *transculturação* são maneiras distintas de se enxergar as dinâmicas entre povos que supõe certa qualidade de dominante ou não a uma das culturas. Do ponto de vista de leitores do século XXI, em que escritos do início do século XX podem ser amplamente estudados dentro de seu contexto histórico e literário bem como sua presença dentro de um contexto maior, nota-se que vários escritos do referido período já transcorrido podem ser encaixados em uma ou ambas das perspectivas de análise de culturas acima descritas.

Apesar de não serem tão abundantes como textos que tratem da realidade brasileira, textos que tratam da imigração italiana e das relações desses imigrantes nesse novo contexto estão também presentes no decorrer da história literária do Brasil. O teor de cada texto varia de acordo com o objetivo do autor em representar esse fenômeno populacional no contexto do país. Antônio de Alcântara Machado em sua coleção de contos intitulada *Brás, Bexiga e Barra Funda* não deixou de lado a presença massiva desses personagens e a representação dos mesmos foi feita enquanto mudanças se passavam na sociedade paulistana por motivos dessa presença e de outros fatores histórico-sociais.

Objetivos Gerais

A presente pesquisa tem como objetivo fazer uma leitura crítica da obra *Brás, Bexiga e Barra Funda* da autoria de Antônio de Alcântara Machado sob a ótica da teoria de aculturação. Após uma contextualização teórica das origens e significados de cada uma dessas teorias, far-se-á a aplicação crítica das mesmas em alguns contos desse livro. Com isso, tenta-se observar a maneira como o autor descreveu a dinâmica da presença do

imigrante italiano na sociedade paulistana do início do século XX. Ainda que não esteja sendo discutida a inegável contribuição do autor para que uma voz fosse oferecida a esses novos personagens do contexto paulistano, a maneira como isso foi feito talvez não tenha sido digna das ricas contribuições desses imigrantes para tal contexto. Para tal fato tentar-se-á encontrar justificativas.

Objetivos Específicos

Mais especificamente, a presente pesquisa tentará:

- a. Apresentar o escritor Antônio de Alcântara Machado, o conjunto de sua obra e o contexto histórico em que foi produzida;
- b. Apresentar e discutir o livro de contos Brás, Bexiga e Barra Funda e seus contos com características de reportagens. Discutir, também, as escolhas de representação do autor, a criação do narrador, a linguagem utilizada, as situações descritas e apresentadas;
- c. Estabelecer comparações entre os conceitos teóricos de aculturação e transculturação a fim de observar qual é o mais indicado para ser utilizado para se fazer uma análise do conteúdo presente no supracitado livro;
- d. Analisar alguns contos de Brás, Bexiga e Barra Funda com o intuito de mostrar como as escolhas da construção da narrativa refletem/retratam a visão do autor como indivíduo ou representante da visão da sociedade acerca das interações com os imigrantes italianos; e
- e. Concluir tentando apresentar como as teorias de análise de culturas ajudam na compreensão holística de fenômenos culturais, porém, no entanto, ainda que

servam para tal, o objeto de estudo a ser considerado deve ser criticamente relevado, visto que os autores têm interesses específicos a seguir.

Contexto Histórico

É importante a familiarização do leitor com o contexto histórico da presença dos imigrantes em relação ao desenvolvimento brasileiro, mais especificamente no contexto paulista e paulistano. Vale lembrar que esse não foi um processo experienciado do mesmo modo por todos os imigrantes. A condição em que saíram de seu país, a condição em que chegaram ao Brasil, suas condições familiares, de saúde, intelectuais e financeiras, entre outros fatores influenciaram a adaptação desses imigrantes no Brasil. Apesar de o desenrolar verídico desse momento histórico não ter sido homogêneo, há características mais marcantes que se sobressaem em relação à maioria dos imigrantes. Portanto, a proposta desta seção do texto não é apresentar uma contextualização holística do início da imigração italiana ao Brasil - trabalho muito bem feito por Mario Carelli em seu livro *Carcamanos e Comendadores* (1985), bem como Franco Cenni em *Italianos no Brasil* (2003). O presente objetivo é fornecer um quadro geral que apresente características, contradições e resoluções desse processo para que seja possível compreender melhor o contexto em que *Brás, Bexiga e Barra Funda* foi escrito.

A partir da segunda metade do século XIX, São Paulo começou a se desenvolver devido à grande expansão da indústria cafeeira. Contudo, em 1888, após a sanção da Lei Áurea, houve a necessidade da busca de uma nova mão de obra para substituir os escravos que foram libertados em um momento de rápida expansão tanto da indústria quanto da lavoura de café. Essa rapidez de desenvolvimento foi muito bem notada por

Rubens Ricupero em seu artigo *Alcântara Machado: Testemunha da Imigração*, escrito em 1993:

do burgo provinciano e modorrento de 1800, só animado pelos estudantes da velha Escola de Direito, quase perdendo para Campinas sua condição de Capital da Província, São Paulo prepara-se para ingressar no ciclo contínuo de transformações que irá multiplicar-lhe 40 vezes a população - dos 165 mil habitantes de 1890 para os mais de 7 milhões atuais. (139)

Esse crescimento de alguma forma espontâneo da capital paulistana levou à busca de uma nova população que pudesse, ao mesmo tempo, servir nos diferentes setores da crescente economia, bem como “embranquecer” a população. Como observado por Lúcia Oliveira “nos anos 1920 os italianos participam da história de São Paulo. Foram desejados como brancos que viriam clarear a população brasileira, como sonhavam os adeptos da ‘teoria do branqueamento’, mas desapontam por sua rudeza.” (4)

Tal desapontamento citado por Oliveira talvez seja advindo do fato de que a maioria dos imigrantes que chegaram ao Brasil eram trabalhadores rurais que estavam sofrendo com a crise agrária em seu país de origem. Ao contrário do primeiros portugueses que habitaram o país, portugueses próximos à corte e com acesso a costumes e educação franceses e ingleses tidos como de alta qualidade, os italianos que chegaram ao país eram do ambiente rural. Os paulistanos estavam familiarizados com os costumes europeus, porém aos costumes urbanos, daí veio a percepção de que os recém-chegados italianos eram rudes. Apesar dessa diferença de costumes e hábitos, esses mesmos imigrantes italianos tornaram-se peças fundamentais para o crescimento industrial da cidade de São Paulo. Como apontado por Ricupero:

Os imigrantes italianos serão, ao mesmo tempo, agentes ativos e beneficiários da industrialização e os nomes peninsulares ficarão para sempre ligados à revolução industrial paulista. A participação italiana é sensível já na fase inicial de indústria de bens de consumo, alimentos ou tecidos, dominada pelos Matarazzos e Crespis. ... Mais tarde, ela se acentua no desenvolvimento da indústria pesada de máquinas e equipamentos. ... É preciso não esquecer que eram também, em geral, italianos os que operavam essas fábricas. (140)

Torna-se, claro, portanto, como o desenvolvimento do estado de São Paulo, tanto da lavoura, quando da Capital, está atrelado à imigração italiana para o Estado no final do século XIX e início do século XX. Mais importante ainda foi a participação desses imigrantes na rápida e eficiente industrialização da cidade de São Paulo, visto que não apenas os imigrantes investiram na criação de grandes fábricas, mas também forneceram mão de obra para operá-las.

No âmbito das artes, o Brasil estava no limiar do período Modernista, movimento que foi concebido majoritariamente na cidade de São Paulo.

O Movimento Modernista

Oficialmente instituído com a Semana de Arte Moderna, ocorrida entre 11 e 18 de fevereiro de 1922 na cidade de São Paulo, o Modernismo brasileiro foi um movimento de contra corrente às tradições literárias até então existentes. Encabeçado por um grupo de intelectuais da época - dentre os quais podem ser citados Mário de Andrade, Anita Malfatti, Oswald de Andrade, Heitor Villa-Lobos, Di Cavalcanti entre inúmeros outros - o movimento buscava “passar a limpo” a tradição artística brasileira no campo da

literatura, das artes plásticas, pintura, escultura, música, entre outros, criando uma tradição que fosse autenticamente nacional.

O ideário de base foi a criação de uma arte que refletisse o contexto do país àquela época, pois acreditava-se que tal não ocorresse. Era consenso entre os idealizadores do projeto modernista que a arte produzida até então era uma mera reprodução da arte produzida em outros países, principalmente naqueles pertencentes ao continente europeu. Via-se, então, uma incongruência existente entre as temáticas e os estilos de arte importados para o Brasil e a realidade pela qual o país estava passando. Para os projetistas do movimento brasileiro não apenas a arte não estava compatível com a realidade local, mas tal cópia negligenciava a rica e vasta cultura do povo brasileiro. Os idealizadores do projeto buscavam criar uma arte que mostrasse de maneira fiel o momento histórico pelo qual o Brasil passava e que também retratasse a riqueza da capacidade criadora do homem brasileiro.

Como um movimento pensado e implantado, o Modernismo contou também com guias, manuais que explicavam seu propósito e apresentavam orientações para o público geral, conhecidos como Manifestos. Dentre os manifestos produzidos para esse propósito, os mais conhecidos são o Manifesto da Poesia Pau-Brasil e o Manifesto Antropofágico,⁴ ambos escritos por Oswald de Andrade, um dos mais fervorosos defensores do Modernismo brasileiro. Publicado em 1924, o Manifesto da Poesia Pau-Brasil afirma que o Brasil estava a par dos desenvolvimentos e das correntes europeias. Esse manifesto defendia uma poesia que fosse “ingênua”, não contaminada por ideais europeus, uma poesia que, assim como a árvore do pau-brasil, pudesse ser exportada, a fim de mostrar a

⁴ Também conhecido como Manifesto Antropófago.

grandeza e riqueza brasileiras. Formalmente, podem ser notadas no texto influências das vanguardas cubista e expressionista.

O mais conhecido Manifesto publicado na época do Modernismo brasileiro, o Manifesto Antropofágico, apesar de ter um teor mais político do que o Manifesto da Poesia Pau-Brasil, acaba por reiterar os ideais já contidos no manifesto publicado anteriormente por Oswald de Andrade. A antropofagia à qual se refere o título do Manifesto é a deglutição das vanguardas e estilos europeus para, após absorvidos e “digeridos” ou “deglutidos” pela criatividade brasileira, serem utilizados em composições artísticas locais e que representassem a verdadeira cor e essência brasileira.

Apesar de importantes, os manifestos acima citados não foram as únicas publicações da época com o intuito pregador do ideário modernista. Vários outros manifestos também vieram a público, diversas publicações jornalísticas, além de palestras, saraus e exposições em que eram discutidos os ideais por trás dessa revolução nas artes brasileiras. A importância de toda a obra é inquestionável para a compreensão geral daquilo que foi o modernismo, no entanto, seria quase impossível oferecer uma descrição mais detalhada acerca dessas publicações sem que se perdesse o foco da presente pesquisa. Para isso, decidiu-se manter a discussão acerca das publicações modernistas de maior relevância para o objeto de estudos em questão.

Em suma, o movimento modernista buscou a criação de uma literatura que refletisse de maneira fiel a realidade brasileira, uma literatura que fosse “ingênuo”, sem a influência de temáticas estrangeiras que não se aplicassem à distinta realidade local. Para isso, defendia-se a “deglutição”, a “internalização” de vanguardas internacionais que deveriam ser “regurgitadas” pelos artistas de uma maneira que o sentimento de

brasilidade pudesse ser observado. É nesse momento da realidade artística que os conhecimentos e as classes populares estarão cada vez mais em evidência nos âmbitos literário, artístico, musical etc. E é nesse contexto que encontra-se o autor a ser estudado na presente pesquisa, Antônio de Alcântara Machado.

O Autor

Antônio Castilho de Alcântara Machado d'Oliveira nasceu em São Paulo no dia 25 de maio de 1901. De uma família de descendência italiana e com grande número de escritores, formou-se em direito em 1924 apesar de nunca exercer a profissão uma vez que optou por seguir a carreira de jornalista. O estilo de escrita jornalístico aparece constantemente em sua obra literária, com períodos curtos e em ordem direta. Apesar de não ter participado da Semana de Arte Moderna, no ano de 1922, sua obra é indubitavelmente pertencente ao modernismo, com cenas curtas, passagens diretas e simples além de um caráter nacionalista entre outras. Não obstante, Alcântara Machado também é creditado como um dos co-criadores da Revista de Antropofagia junto com Oswald de Andrade e Raul Bopp. Em 1926 também fundou a revista modernista de nome *Terra Roxa e Outras Terras* na qual descrevia como estava sendo implantado o modernismo na área do interior do estado de São Paulo. Sua produção literária conta com crônicas de viagem, contos, crônicas, ensaios e um romance inacabado.

Paulistano apaixonado por sua cidade natal, sua produção centra-se, majoritariamente, sobre a capital paulista e suas transformações, especialmente no que diz respeito ao contingente populacional. Seguindo as características do movimento modernista, Alcântara Machado, mais do que recriar a cultura brasileira apropriando-se de vanguardas internacionais e adaptando-as à realidade do Brasil, desmistifica e

desvenda o Brasil que estava encoberto por toda essa influência exterior. Utilizando seus conhecimentos de jornalista, o escritor retrata a realidade brasileira à qual estava acostumado tal como a mesma estava se apresentando à época. O rápido crescimento industrial e a intensa mudança nas dinâmicas da população são pontos principais na obra do escritor.

Sua intimidade com os idealizadores do movimento modernista no Brasil pode ser vista não apenas em sua participação com Oswald de Andrade na redação da *Revista de Antropofagia* e na publicação da *Revista Terra Roxa e Outras Terras*. Com Mário de Andrade, em 1931, foi co-diretor da *Revista Nova*, outra publicação de caráter modernista. De acordo com Oliveira, a vasta gama de publicações e manifestos produzidos no período de regência da primeira fase do modernismo levou a uma seção das frentes que encabeçavam o projeto. Tal fato gerou inúmeras outras frentes e correntes teóricas. Devido a esse fato, Alcântara Machado acabou por desiludir-se das frentes de ativismo modernista preferindo abandonar a direção das revistas que editava/dirigia devido a esses inúmeros impasses, sem que deixasse de escrever com o propósito modernista em mente. (Oliveira 11)

Faleceu em 14 de abril de 1935 no Rio de Janeiro.

A Obra de Alcântara Machado

Em um momento no qual os imigrantes italianos eram vistos como uma população que estava a tomar conta da cidade de São Paulo, ele foi um dos poucos escritores que trabalhou especificamente com essa parcela populacional. Na verdade, a crítica é dividida em relação à intenção do autor enquanto escritor que tratou o tema da imigração italiana em São Paulo: ao passo que alguns críticos afirmam que Alcântara

Machado deu, de maneira desinteressada, voz a uma parcela populacional de pouca visibilidade - veja-se Ricupero, 1993; Pacheco, 1956; Hohlfeldt, 1994 -, outros críticos afirmam que o escritor representou esses imigrantes de uma maneira pejorativa visto que o próprio escritor era de uma família tradicional paulista e, portanto, influenciado pelo ideário comum acerca do imigrante - e, para isso, veja-se Capela, 2001⁵. Alguns outros críticos reconhecem os valores estereotipados que o autor apresenta, porém com um olhar sensível ao cotidiano dos imigrantes - veja-se Oliveira, 2002; Carelli, 1985; Marotti, 1978.

No entanto, a crítica é unânime no que diz respeito ao motivo principal de interesse do escritor: a cidade de São Paulo. De acordo com Luís Toledo Machado:

o que define Antônio de Alcântara Machado é o fato de ter sido caracteristicamente o escritor de São Paulo ... o leitmotiv desse universo é a imigração, correlata ao fenômeno da mobilidade social e espacial ... a mobilidade ascendente do imigrante e a descende dos estratos médios da sociedade tradicional. O problema é posto em termos de conflito e acomodação. (61-2)

Mais do que uma simples obra sobre a cidade de São Paulo, na qual a vastidão da presença do imigrante deveria aparecer como estratégia de verossimilhança, sua aparição na obra do escritor relaciona-se com o intuito modernista de seu trabalho. Ainda Hohlfeldt afirma que

⁵ Capela, na verdade, faz a distinção entre o imigrante italiano que chegou ao Brasil e seus descendentes, os ítalo-brasileiros. Ao passo que o autor afirma que Alcântara Machado representou o imigrante que chegou ao país de maneira um tanto quanto caricata e pejorativa, ele afirma que Alcântara Machado foi um tanto quanto benévolo ao descrever as dificuldades de adaptação da nova geração, os ítalo-brasileiros.

o registro fiel e artisticamente admirável de Alcântara Machado, em que pese o tenha transformado no melhor documentarista da vida do imigrante italiano entre nós, resultou muito mais de sua capacidade de aperceber-se da matéria-prima, captando-a e transmitindo-a poderosamente através da literatura do que da matéria-prima em si. (43)

Pode-se, então, observar que, mais do que escrever *sobre* o imigrante, Alcântara Machado escreve *com* o imigrante, utilizando-o como um elemento para o efeito geral de sua obra, e não como o elemento gerador de sua inspiração, que era a cidade de São Paulo. O autor, advindo de uma família com situação financeira estável, fez várias viagens à Europa. Dessas viagens, obteve inspiração para seu primeiro livro *Pathé Baby*, publicado em 1926 e no qual faz uma análise de importantes cidades europeias. Prefaciado por Oswald de Andrade e de forte teor modernista, o primeiro livro do escritor faz uma desconstrução acerca da imagem que o brasileiro faz da Europa e suas cidades. Tendo sido nomeado em homenagem à máquina de projeção de filmes em 9.5mm lançada em 1922 em Paris, o livro apresenta cenas como nos filmes tão populares à época do lançamento do aparelho.

Em 1927, publica uma coleção de contos intitulada *Brás, Bexiga e Barra Funda*. Essa é a obra mais importante da produção literária de Alcântara Machado por retratar de maneira fiel a realidade da situação dos imigrantes italianos na São Paulo do início do século XX. Por ser essa a obra principal do presente estudo, ela terá um capítulo à parte mais à frente.

Outras obras importantes publicadas pelo escritor foram um outro livro de contos intitulado *Laranja da China* em 1928, várias crônicas e também um romance inacabado,

intitulado *Mana Maria*, publicado um ano após seu falecimento. A partir do fim da vida do escritor, todas as suas obras de ficção são publicadas em conjunto recebendo o título de *Novelas Paulistanas*. O novo título que foi dado ao conjunto das obras de ficção do escritor aponta que o tema do imigrante italiano não se faz tão forte em nenhuma de suas outras publicações ficcionais do mesmo modo como pode ser observado em *Brás, Bexiga e Barra Funda*. De acordo com Hohlfeldt, a análise do conjunto apresentado em *Novelas Paulistanas*

evidencia que a questão italiana não significava uma idéia fixa, mas foi, fundamentalmente, matéria-prima para uma obra de ficção, na medida em que traduzia uma das facetas da grande cidade. Na verdade, Alcântara Machado estava querendo falar era de São Paulo, e não explicitamente de outra coisa. Que, para tanto, devesse tocar ou não na questão dos italianos, deve ter sido questão menor, por mais simpatia e interesse que a imigração em geral, e especialmente a italiana e suas consequências, lhe provocassem ... (41)

Pode-se, então, perceber que *Brás, Bexiga e Barra Funda* foi uma obra temática sobre as mudanças pelas quais a cidade de São Paulo passava devido à presença dos imigrantes italianos em sua sociedade. Suas outras obras continuam a tratar do tema principal, que é a cidade de São Paulo, porém com outro enfoque e caso o elemento do imigrante italiano volte a aparecer é devido à sua grande presença na capital paulista e não por interesse exclusivo do escritor.

Brás, Bexiga e Barra Funda

Publicado em 1927, o conjunto de contos *Brás, Bexiga e Barra Funda*, mais tarde publicado com outras obras do autor sob o título de *Novelas Paulistanas*, é sua obra de maior importância tanto em relação à sua popularidade, produção textual, bem como em relação à importância para a presença do imigrante italiano na literatura brasileira.

Datando a primeira publicação da obra cinco anos do evento que culminou a instauração do movimento Modernista no Brasil, a Semana de Arte Moderna, *Brás, Bexiga e Barra Funda* é uma coleção de contos que ilustra de maneira exemplar as visões artísticas desse movimento. Chalmers, Lins, Hohlfeldt, entre outros, são categóricos ao afirmarem que a obra de Alcântara Machado é a concretização em forma literária das teorias apresentadas no *Manifesto Pau-Brasil* de Oswald de Andrade. Como afirma Mario Carelli, o que fez Alcântara Machado, assim como o grupo de escritores modernistas, foi “substituir a expressão literária das gerações anteriores, nitidamente ligada à classe dominante, por outra cuja fonte de inspiração e cujos limites de ação eram a sociedade total.” (13)

Ao abrir o livro, o leitor depara-se com o prefácio intitulado *Artigo de Fundo*. Já no início do livro, o autor explicitará a relação íntima de sua literatura com o jornalismo: uma literatura rápida, direta e mais “realista”. O próprio autor afirma que “este livro não nasceu livro: nasceu jornal. Estes contos não nasceram contos: nasceram notícias. E este prefácio portanto também não nasceu prefácio: nasceu artigo de fundo” (A. Machado 7). Nota-se, portanto, como o autor acredita importante o caráter jornalístico de sua escritura e de sua descrição dos costumes da época. O autor começa, então, a descrever as três “raças” que se mesclaram para formar a nacionalidade brasileira: os indígenas, os brancos portugueses e os escravos africanos. Sem se deter muito nesse ponto, logo o autor começa

a falar da nova leva trazida pelos transatlânticos: os italianos. E afirma que apesar do preconceito aqui encontrado, o italiano “não disse nada. Adaptou-se. Trabalhou. Integrou-se. Prosperou” (A. Machado 8). Essa é a breve introdução do autor sobre o conteúdo apresentado em seu livro: a integração dos italianos apesar dos problemas encontrados. Essas orações compostas apenas por um verbo e uma partícula reflexiva apontam não apenas para como o italiano estava praticamente sem auxílio durante esse processo, mas também a gradação dessas ideias indica o mesmo processo experienciado pela maioria desses imigrantes que foram ao Brasil. Essa ideia será discutida com maior profundidade mais à frente.

Após essa breve apresentação do conteúdo, o autor volta a referir-se à característica de “jornal” de sua obra bem como o objetivo descritivo da mesma afirmando que *Brás, Bexiga e Barra Funda*

... tenta fixar tão-somente alguns aspectos da vida trabalhadeira, íntima e cotidiana desses novos mestiços nacionais e nacionalistas. É um jornal. Mais nada. Notícia. Só. Não tem partido nem ideal. Não comenta. Não discute. Não aprofunda. ... Tudo são fatos diversos. Acontecimentos de crônica urbana. Episódios de rua. (A. Machado 8)

Vale ressaltar como é persistente a afirmação que o autor faz sobre as características descritivas de sua obra, de suas características de crônicas do dia-a-dia da vida paulistana da época, isentando seu livro de características literárias, afirmando que o mesmo é um jornal em formato de livro. Para mais afirmar essa característica de periódico de sua publicação, a seção intitulada *Artigo de Fundo* está assinada como “A Redação”, tirando a voz pessoal do autor e atribuindo essas palavras iniciais à redação de

um jornal, um grupo geralmente anônimo associado às decisões de publicações jornalísticas.

CAPÍTULO 2

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Aculturação

Aculturação é uma teoria difundida nas áreas das ciências antropológicas, sociológicas e psicológicas. Os estudos iniciais nessa área datam do século XIX e início do século XX baseados em tentativas de compreender os processos de modernização experienciados por diversas culturas e comunidades durante esse período (Trimble 5). Estabelecida cientificamente a partir de 1918, há diversas definições e teorias que tentam definir e exemplificar o que é o processo de aculturação. Atualmente, o termo designa as alterações que ocorrem quando indivíduos ou grupos de indivíduos de culturas diferentes precisam conviver juntos em um mesmo ambiente. A partir dessa convivência, a troca e modificação de costumes originais é inevitável. Esse processo de troca e modificação de padrões é conhecido como aculturação. Ao contrário de “enculturação”, que significa a aprendizagem de uma primeira cultura como se o indivíduo ou o grupo fossem uma tábula rasa a ser preenchida com a cultura à qual são expostos, “aculturação” implica o conflito entre os costumes originais e os novos costumes seja da cultura de imersão ou então imposta por alguma entidade de maior força. Como exemplos, podem-se citar, respectivamente, o caso do imigrante e da nova cultura à qual ele se insere e o caso da dominação de povos indígenas por conquistadores.

Como afirma Berndt Ostendorf “o próprio fato da emigração força uma desintegração de si próprio, da cultura e da sociedade, bem como de seus sub setores”⁶ (577). Essa afirmação não apenas aponta para o fato de o indivíduo ou grupo estarem mais suscetíveis aos conflitos culturais quando expostos ao novo ambiente, mas também aponta para uma leve vantagem para o grupo que recebe esses imigrantes pois esse grupo não teve suas características próprias, culturais ou sociais ‘desintegradas’. Talvez isso justifique também o fato de a maioria dos estudos sobre aculturação focarem-se mais nos grupos de imigrantes do que nos grupos hospedeiros (Ostendorf 582).

Imigração e aculturação são termos que se associam de maneira íntima visto que todo processo de imigração implica certo nível do processo de aculturação pelo qual passarão tanto o sujeito migrante quanto o sujeito da cultura hospedeira. No entanto, é consenso que o processo de aculturação apresentar-se-á mais facilmente observável e em maior intensidade para o indivíduo imigrante do que para o indivíduo da cultura hospedeira. Vale ressaltar que também sofrerá impacto o ambiente hospedeiro, visto que as novas interações populacionais influenciarão as dinâmicas de relação com o ambiente. No prefácio de seu livro sobre imigração e aculturação, Salman Akhtar afirma que em casos de imigrantes que se adaptam a outros ambientes “é ainda mais impressionante o impacto que os recém-chegados tiveram na cultura, economia e política de suas pátrias adotadas *bem como* o impacto geo-cultural que essa realocação teve neles.”⁷ (ix) O autor também afirma que essas mudanças ocorrem também “no reino das relações do homem

⁶ Minha tradução para “The very act of emigration forces a disintegration of self, culture and society, and its subsectors.”

⁷ Minha tradução para “More impressive is the impact these newly arrived individuals have had on the culture, economics, and politics of their adopted homelands *and* the impact their geo-cultural relocation has had upon them.”

com os animais e com o ambiente não-humano adjacente⁸ (ix). Apesar dessa afirmação, o elemento fundamental de todo processo de aculturação são as mudanças sociais e individuais das personagens que fazem parte dessa experiência.

Em relação à qualidade dessa troca de informação, vale ressaltar a importância da continuidade temporal do processo. Ou seja, o contato entre indivíduos ou grupos de imigrantes deve ser relativamente estável para que se possa considerar o caso passível do processo de aculturação. Imigrantes em trânsito por motivos de guerra, relações comerciais ou viagens não podem ser considerados nessa equação visto que o nível da interação desses personagens com a nova cultura não é constante o suficiente para desencadear o processo de aculturação. No caso de imigrantes que transferem suas vidas de um país a outro e as reconstruem na nova pátria adotada, nesse caso, sim, o processo de aculturação pode ser percebido.

No entanto, como afirma Joseph Trimble, pesquisadores contemporâneos de aculturação reconhecem que “aculturação não é um processo linear, tampouco um fim alcançável”⁹ (6), o que quer dizer que, como processo, não há uma linearidade a ser seguida bem como não há um momento no qual seja possível dizer que o processo foi totalmente realizado. Por ser um processo subjetivo, geralmente observar-se-ão mudanças individuais que, aos poucos, serão reproduzidas por mais indivíduos de um grupo até o momento em que esse comportamento, hábito ou costume seja comum a todo o grupo. Isso não significa dizer, contudo, que tal comportamento seja idêntico àquele da cultura hospedeira. Significa dizer que aculturação é um processo interno que não necessariamente espelhará hábitos e costumes da cultura hospedeira, ainda que seja

⁸ Minha tradução para “changes in the realm of man’s relationship to animals and to his nonhuman surround.”

⁹ Minha tradução para “acculturation is neither a linear process nor an achievable end”

possível notar esse tipo de comportamento na maioria dos casos. Mesmo que isso ocorra, deve-se estar atento às mudanças que ocorreram nos hábitos culturais do imigrante no momento da sua chegada ao novo local e no novo paradigma cultural que se apresenta após esse contato constante com a nova cultura. O processo de aculturação total é também conhecido como ‘assimilação’ e indica uma internalização completa dos costumes e hábitos dos elementos da cultura dominante. Nas palavras de Trimble “na verdade, assimilação, se ela realmente ocorrer, pode demorar várias gerações para que o processo se torne completo - se ele ficar completo”¹⁰ (6). Com essas palavras percebe-se, portanto, que a aculturação é uma experiência individual que nem sempre pode ser observada instantaneamente assim como não são únicos os aspectos a serem considerados quando se fala nessa mudança de hábitos. A aculturação completa, ou assimilação, é um conceito que acredita-se, seja apenas teórico.

Identidade Étnica

Um aspecto intimamente relacionado com a aculturação é a identidade étnica do indivíduo. De acordo com Jean Phinney, a identidade étnica é

um construto dinâmico e multidimensional que se refere à identidade de um indivíduo ou ao senso de si como um membro de um grupo étnico. *Grupos étnicos* são subgrupos dentro de um contexto mais amplo que afirmam uma ancestralidade comum e compartilham um ou mais dos seguintes elementos: cultura, fenótipos, religião, língua, parentesco ou lugar de origem.¹¹ (63)

¹⁰ Minha tradução para “Indeed, assimilation, if it does take place, may take several generations for the process to become complete - if it does become complete.”

¹¹ Minha tradução para “a dynamic, multidimensional construct that refers to one’s identity or sense of self as a member of an ethnic group. *Ethnic groups* are subgroups within a larger context that claim a common ancestry and share one or more of the following elements: culture, phenotype, religion, language, kinship, or place of origin.”

Essa citação de Phinney, apesar de ajudar a esclarecer o que é um grupo étnico, também indica um aspecto extremamente importante a ser considerado: a subjetividade da identificação étnica do indivíduo. Um termo importante empregado pela autora é o que ela descreve como “senso de si”. O emprego dessa expressão aponta para o fato de que essa identificação étnica é uma relação subjetiva entre o modo como o indivíduo percebe a si e à coletividade à qual pertence. Além disso, os elementos mencionados tais como cultura, fenótipos, religião, parentesco e lugar de origem podem, muitas vezes, tratar-se de construções sociais extremamente subjetivas. Ainda que os fenótipos, a religião, a língua e o lugar de origem possam ser estabelecidos de maneira um tanto quanto objetiva, eles também apresentam certa subjetividade em relação à sua associação com grupos étnicos visto que a identificação étnica é uma faculdade que cabe unicamente ao indivíduo decidir.

Ainda que a auto declaração de identificação étnica seja o melhor modo de se saber a qual grupo o indivíduo pertence, no caso da presente pesquisa, tomar-se-á como base a constatação de que foi o autor que associou as personagens de seu livro à categoria de imigrantes italianos e que as próprias personagens também se identificavam como tal. Não obstante, é também necessária a constatação de que à categoria de imigrantes italianos se opunha a categoria de cidadãos paulistanos, oposição que se torna clara ao longo da leitura da obra de Antônio de Alcântara Machado. Além disso, não se pode negligenciar que ambas as categorias, apesar de apresentarem características próximas ou em comum, tais como religião e, em certo grau, cultura e o idioma, apresentam, em *Brás*, *Bexiga e Barra Funda*, mais aspectos díspares do que aspectos que as aproxime, fator que

desencadeará adversidades para uma boa relação inicial entre ambos os grupos apresentados.

Transculturização

Cunhado em 1940 por Fernando Ortiz em seu livro *Contrapunto Cubano del tabaco y el azúcar*, o termo “transculturização” está associado, por oposição, ao termo “aculturação”. Em seu estudo sobre a formação da população cubana, Ortiz viu a necessidade de cunhar um termo que abrangesse a totalidade das relações entre as diferentes culturas que contribuíram com a formação de Cuba. Amparado por Bronislaw Malinowski, um grande nome na área de etnografia e sociologia, Ortiz sugeriu um termo que, para ele, era fundamental para a compreensão da história do país e também da formação populacional cubana. Não apenas pelo fato de um famoso pesquisador ter amparado a invenção do novo termo¹², mas também por seu caráter mais abrangente quando comparado a outros termos, “transculturização” ganhou certa popularidade na área de pesquisas etnográficas a partir de então.

Contudo, ao introduzir o livro de Ortiz, Enrico Santí comenta a utilização e a recepção do termo cunhado pelo escritor cubano em diferentes contextos. Santí afirma que “em espanhol, sua [do termo ‘transculturização’] recepção tem sido ambivalente, entre antropólogos pelo menos, e até francamente negativa em alguns círculos ortodoxos, enquanto que em português ‘aculturação’ tem sido o termo preferido.”¹³ (92) Tal fato requer que se pondere a respeito do uso e da aplicabilidade do termo em determinados

¹² Os motivos que levaram à invenção do termo por Ortiz e sua aceitação por Malinowski são discutidos por Enrico Santí em sua introdução ao livro de Ortiz aqui mencionado. Dentre esses motivos, o mais saliente foi a tentativa de criação de um termo que desbancasse o imperialismo americano associado ao termo ‘aculturação’, de grande uso na área de pesquisas etnográficas nos Estados Unidos. (Ortiz 89-92)

¹³ Minha tradução para “En español su recepción ha sido ambivalente, entre antropólogos al menos, y hasta francamente negativa en algunos círculos ortodoxos, mientras que en portugués <<aculturação>> ha sido el término preferido. (92)

contextos, visto que nem sempre ele está tão difundido ou aceito, como no caso do contexto aqui focado, o contexto brasileiro.

Transculturização trata dos fenômenos interacionais entre diferentes povos e suas culturas. Ao utilizá-lo no contexto da formação da cultura cubana, Ortiz deixa claro que a contribuição de todos os povos envolvidos, sejam eles colonizadores, escravos ou imigrantes livres, deu-se de maneira equalitária para a formação da cultura resultante que pode ser considerada a cultura de Cuba. Ortiz, tomando os ensinamentos funcionalistas de Malinowski, associa transculturização a um “abraço de culturas” e à cópula genética entre duas espécies na qual, o resultado, ou seja “a criatura sempre tem algo de ambos os pais, mas também sempre é diferente de cada um dos dois.”¹⁴ (260) Essa ideia de “cópula genética” deixa implicada a contribuição por igual das partes envolvidas no processo, quer essa parte seja a parte dos colonizadores, dos povos indígenas dominados, da força laboral escrava, ou de outros povos migrantes. Como afirma ainda Ortiz, em Cuba, essa contribuição deu-se de maneira tão intrínseca entre todos os povos que formaram o país, que inclusive áreas menos diretamente ligadas a essas relações, como economia, estão intimamente associadas à transculturização. (255-6)

Diferentemente do processo de aculturação, que, de acordo com Ortiz, significa apenas a perda de uma cultura seguida da aquisição de uma outra, transculturização é um termo mais holístico. Holístico no sentido de que engloba não apenas a perda e a aquisição de uma nova cultura pelos indivíduos, mas também a nova cultura que é formada. Ao contrário, o foco dos estudos de aculturação é apenas na perda e/ou a aquisição dessa nova cultura, não o resultado geral. Ou seja, de acordo com a definição

¹⁴ Minha tradução para “la criatura siempre tiene algo de ambos progenitores, pero también siempre es distinta de cada uno de los dos” (260)

proposta por Ortiz, aculturação é uma das etapas do processo completo de transculturação. Tal processo, para o autor, é composto das etapas de “desculturação” ou “exculturação”, depois de “aculturação” ou “inculturação”, e, ao final, como síntese, de “transculturação”. (Ortiz 255) Como o foco do presente trabalho não será o uso dessa teoria, tais termos não serão explicados em detalhes.

Os estudos de transculturação acabaram por serem utilizados em outros tipos de áreas do conhecimento. Como exemplo, pode-se citar Ángel Rama, que, em 1982, criou o termo “transculturação narrativa”, um termo que, de certo modo, descreve de maneira deveras precisa os objetivos do movimento Modernista brasileiro. Como indica Santí na introdução do livro de Ortiz, ao estudar as transformações narrativas na América Latina, Ángel Rama apontou os

processos de transformação cultural dentro de textos e tradições narrativas como maneira de combater os efeitos nocivos ou alienantes da modernização. Aplicando o esquema analítico que provê Ortiz, Rama identifica etapas de ‘parcial desculturação’ que pode alcançar diversos graus e afetar várias áreas tanto da cultura como do exercício literário’; um segundo termo que implica ‘incorporações procedentes da cultura externa’; e por último, ‘um esforço de recomposição manuseando os elementos sobreviventes da cultura originária e dos que vêm de fora’. Rama formula, portanto, um uso literário da transculturação para promover a sobrevivência de culturas nativas. Se trata de um mecanismo de resistência cultural ante os processos de modernização a partir da recomposição étnica. (Ortiz 92)

Apesar de longo, o excerto da fala de Santí ilumina a compreensão do conceito de ‘transculturização literária’ conforme proposto por Rama. A tentativa de Rama de descrever as transformações literárias nos países da América do Sul certamente considera as propostas do movimento modernista. Faz-se necessário notar, contudo a utilização da palavra “modernização” e do significado que é proposto quando de sua utilização por Santí. Veja-se que, no contexto brasileiro, a vanguarda futurista especificamente tratava da utilização de máquinas, das fábricas velozes, das novas tecnologias que aceleravam de maneira progressiva a vida humana. Ao exaltar esse aspecto da vida humana, também referido como modernização, pode-se levar à interpretação errônea desse termo utilizado por Santí. Sua utilização refere-se ao que, atualmente é chamado de “globalização”, a “unificação”, ou “homogeneização”, por assim dizer, das culturas universais e supressão de culturas minoritárias e étnicas. Tal como proposto pelo movimento modernista brasileiro, e descrito pelo termo criado por Ángel Rama, o que os autores buscavam era a preservação dessas culturas “menores” ou “étnicas” ao mesmo tempo que buscavam provar a qualidade internacional da arte que faziam.

É possível notar, portanto, que a teoria da transculturização é bastante útil na descrição de vários fenômenos culturais que podem ser notados em diferentes nações com diferentes objetivos. Contudo, esse não será o foco do presente trabalho. O presente trabalho focará, sim, na utilização dos conceitos de “aculturação” como explicados anteriormente. A próxima seção do texto justificará a escolha de tal teoria em detrimento da teoria da transculturização, tida como a mais recente para o tipo de análise que aqui é proposta.

Aculturação ou Transculturação?

Para que seja possível uma justificativa compreensível, primeiramente, faz-se necessário notar o teor da análise aqui proposta: as transformações pelas quais passaram os imigrantes italianos que se encontravam inseridos na sociedade paulistana do início do século XX. A análise focará única e exclusivamente nessas personagens que nasceram e foram enculturadas na sociedade italiana e nas mudanças observáveis de seus comportamentos dentro do contexto brasileiro. Com a exceção de uma personagem do conto *Notas Biográficas do Novo Deputado*¹⁵, as personagens ítalo-brasileiras não serão analisadas visto que sua análise iria requerer um outro tipo de suporte teórico e, como resultado, o escopo da presente pesquisa não poderia ser alcançado caso a abrangência de tópicos fosse maior. Com o objeto de estudo delineado, cabe notar que a teoria de aculturação satisfaz as necessidades da indagação visto que aculturação significa a substituição da cultura materna do indivíduo por traços adquiridos após seu contato com alguma outra cultura.

Outro fator refere-se à natureza das relações entre os grupos de indivíduos presentes na pesquisa: ao passo que a teoria da transculturação sugere uma contribuição equalitária e orgânica das partes envolvidas para o processo final, a teoria da aculturação implica que alguma das partes é dotada de certa superioridade em relação à cultura que está sendo substituída. Essa superioridade supõe que a relação entre as classes é desigual no momento em que tal mudança está acontecendo. No caso da análise das personagens no livro *Brás, Bexiga e Barra Funda*, será possível perceber que essa relação, é, sim, uma relação díspar, na qual os paulistanos são dotados de maiores poderes sociais,

¹⁵ Note-se que no conto, a personagem não será interpretada como um ítalo-brasileiro, mas sim como uma metáfora da cultura italiana que ainda resistia no Brasil.

econômicos, legais etc., do que os imigrantes italianos. Pode-se notar que é o personagem italiano que está “nas mãos” do personagem paulistano, mesmo quando em vantagem financeira: o comerciante italiano precisa de dicas de um personagem brasileiro para poder aplicar um pequeno golpe no preço das cebolas, ou então o industrial italiano precisa que o falido aristocrata paulistano ceda seus terrenos para que sua fábrica possa desenvolver-se e seu negócio prosperar, ou ainda é o órfão filho de italianos que necessita da benevolência de seu padrinho paulistano para se tornar alguém na sociedade de então.

Fernando Ortiz, ao definir aculturação, sugere que o uso do termo implica que “o imigrante tem que ‘aculturar-se’ ... O ‘inculto’ deve receber os benefícios de ‘nossa cultura’; é ‘ele’ quem deve mudar para se converter em ‘um de nós’.”¹⁶ (125) É exatamente essa mudança de ‘inculto’ para ‘um de nós’ que será observada em alguns dos contos. Carlos Capela, ao analisar a presença dos imigrantes italianos na literatura brasileira no período moderno, aponta alguns lugares comuns, dentre os quais está o fato de que “o sucesso econômico contrasta todavia com hábitos e maneiras: ele [o imigrante] e sua família revelam enorme mau gosto, péssima educação e pouca cultura, adequando-se a um perfil convencionalizado do novo-rico de origem imigrante.” (150) A clara diferença social indicada implica a inferioridade do imigrante italiano. Não há uma contribuição orgânica, como proposta pela transculturação, mas, sim, alguma forma de imposição de alguma cultura dominante sobre uma cultura inferior.

Outro aspecto a ser mencionado é o contexto de desenvolvimento urbano e social representado em *Brás, Bexiga e Barra Funda*. Enquanto a teoria da transculturação proposta por Fernando Ortiz foi utilizada para que se pudesse compreender a formação de

¹⁶ Minha tradução para “El inmigrante tiene que <<aculturarse>> ... El <<inculto>> ha de recibir los beneficios de <<nuestra cultura>>; es <<él>> quien ha de cambiar para convertirse en <<uno de nosotros>>.”

Cuba e do sentimento de ‘cubanidade’, a obra de Antônio de Alcântara Machado representou um momento específico da cidade de São Paulo: o ápice da imigração italiana para a capital paulista. Ou seja, como Ortiz indica, ele trata dos “pobladores”, ou povoadores da ilha de Cuba. Alcântara Machado trata dos imigrantes. A diferença na nomenclatura dos objetos de estudo torna-se relevante para o papel que eles adquirem nas dinâmicas das populações. Ao considerar colonizadores, escravos e indígenas como ‘povoadores’, Ortiz atribui a todos a mesma carga de importância visto que esses povoadores sentiam como se tudo fosse “estrangeiro, provisional, mutável”¹⁷ (258) na nova terra que habitavam. Não havia algo pré-estabelecido. Alcântara Machado, ao tratar de seu personagem como imigrante, deixa implícito que há uma cultura existente à qual esse imigrante se insere. Novamente, a utilização de teorias de transculturação não fariam jus à realidade representada.

Contudo, a escolha que aqui é feita pela utilização das teorias de aculturação não implica que não houve transculturação no contexto brasileiro. Sim, houve. Não se pode negar que a cultura dos imigrantes italianos esteja presente na cultura brasileira nos campos linguístico, cultural, gastronômico entre outros. Marotti nota que essa presença, ainda que rica e facilmente reconhecível, não está representada de maneira correta no livro de Alcântara Machado. Ele afirma que “no decorrer de algumas décadas, a pizza, o vinho, o macarrão, certas expressões e certas atitudes se tornam tão ‘autenticamente’ brasileiras quanto o bacalhau português e o azeite de dendê dos negros.”¹⁸ (23) Marotti ainda comenta que tal não se refletia nas obras de Alcântara Machado ou qualquer outro

¹⁷ Minha tradução para “foráneo, provisional, cambiadizo”

¹⁸ Minha tradução para “nel giro di qualchedecennio, la pizza, il vino, la pasta, certe espressioni e certi atteggiamenti diventano tanto <<autenticamente>> brasiliani quanto il *bacalhau* dei portoghesi e l’*azeite de dendê* dei negri.” (23)

artista modernista devido ao desconforto que eles sentiam perante esses novos habitantes do local. (Marotti 23) E esse será o último ponto apresentado para justificar a escolha da teoria da aculturação para a análise aqui proposta. Mais uma vez, a contribuição desse imigrante está suprimida do texto, anulando os ganhos da população brasileira quando do contato com esse personagem. Ainda que essas interações tenham sido vantajosas para ambas as partes envolvidas, ao leitor foi apresentada um ponto de vista apenas. Ponto de vista esse que justifica a decisão aqui tomada.

O Imigrante no Modernismo

Apesar do recorte que aqui está sendo feito e proposto para a compreensão da representação dos imigrantes italianos em *Brás, Bexiga e Barra Funda*, é válida a menção da representação geral do imigrante italiano no contexto do modernismo brasileiro. Como afirmam diversos estudiosos dos temas que vieram à tona durante o período, a temática da imigração é recorrente a partir do modernismo brasileiro. Capela afirma:

Se no Brasil da primeira metade do 1900 escritores e artistas que passaram de fato pela experiência da imigração são raros, alguns dentre eles ... atentam para a presença estrangeira no país, refletindo em parte de suas obras sobre consequências daí resultantes. Representações de imigrantes e estrangeiros, dadas suas exigências específicas, não deixam assim de constituir, também no Brasil, elemento fundamental para processos de experimentação linguística e formal então verificados e, em particular, para o perfil inovador de obras modernistas. (153)

A citação de Capela oferece dois fatores importantes a serem considerados acerca do tratamento que foi dado ao personagem imigrante na literatura brasileira no início do século XX: o primeiro fator é o contraste entre os produtores dessa literatura e os sujeitos que serviam como tema para a mesma, ao passo que o segundo fator, diretamente influenciado pelo primeiro, é a natureza desse espaço que era cedido ao imigrante no contexto literário.

Conforme afirma Capela, escritores brasileiros que passaram pelo processo de imigração durante o início do século XX são raros. De fato, o autor apenas cita escritores que tenham relação direta com a imigração já quase na metade do século em questão com o livro *Filhos do povo*, de Tito Batini, que foi primeiramente publicado em 1945. Essa falta de associação direta com as contendas pelas quais passaram os sujeitos deslegitima o papel do escritor como representante da classe. Esse escritor pode ser considerado apenas um reproduzidor daquilo que ele observa, sem, contudo estar inteiramente absorto nas lutas dessa classe de indivíduos.

Tal fato influencia diretamente a maneira como a literatura ocupa-se do sujeito de interesse, o imigrante. Por não estarem inteiramente conectados com as lutas reais do imigrante, é mais fácil para os escritores modernistas experimentarem com esse tipo de personagem sem que caíam, necessariamente, em dilemas éticos junto a seu público alvo, composto, majoritariamente de cidadãos brasileiros, como os autores. Tal afirmação é passível de ser feita dado o caráter elitista das obras produzidas sob o prisma do modernismo, um movimento que se utilizava de vanguardas estrangeiras para elevar ao estado de arte internacional a cultura popular brasileira. Ao utilizar um elemento distinto de si e de seu público alvo, o autor modernista poderia inserir em seu texto as mais

variadas opiniões acerca de temas tais como a linguagem do imigrante, os hábitos e costumes, as práticas religiosas entre outros, sem que se sentisse culpado. Isso porque o objeto de estudos sendo tratado dificilmente teria acesso a esse tipo de comentário, considerada a disparidade entre as classes à época.

Considerados esses fatos, o distanciamento que existia entre os imigrantes e não apenas os escritores como também o público leitor, levou a “criações imediatas em torno do exotismo daqueles novos habitantes.” (Capella 154) Essa representação do exotismo levou, muitas vezes, à representação caricatural desses personagens que começaram a abundar na literatura do período modernista. Como se pode explicar, porém, esse súbito interesse a respeito do imigrante na literatura brasileira, principalmente os imigrantes italianos?

Conforme já apontado anteriormente, o período do início do século XX foi marcado por um grande fluxo migratório de italianos para o estado de São Paulo. Na cidade de São Paulo, os imigrantes italianos estavam também presentes em todas as áreas da sociedade mantendo-se, contudo, à parte, tendo seus próprios colégios nos quais se ensinava em italiano, peças teatrais e óperas encenadas apenas em italiano, bem como artesãos e ourives que reproduziam tendências italianas em solo paulista. (Oliveira 6) Note-se, contudo, que os colégios e performances artísticas davam-se majoritariamente para os imigrantes e seus filhos, estando a produção cultural velada à sociedade paulistana. O contato maior desses imigrantes com o público em geral é por meio de seu trabalho como comerciantes, artesãos, ourives etc. Trabalhos que, ainda que dignos, estavam associados às camadas populares. Essa presença massiva na sociedade de São Paulo, ainda que de certa forma excluída, não escapou à atenção dos cidadãos

paulistanos. Sendo a capital paulista também o berço do ideário modernista, não causa estranheza a associação de que ao buscar representar as mudanças sociais e culturais em solo brasileiro, os modernistas também apresentassem essas mudanças sociais e focassem, algumas vezes, na forte presença de imigrantes italianos. Presença essa que era facilmente perceptível em quaisquer das áreas da vida social paulistana de então.

Todavia, ainda que o espaço do imigrante como uma personagem tenha sido mais recorrente durante o período modernista, isso não quer dizer que a ele tenha sido dado grande destaque. Oliveira oferece uma explicação para isso:

a realidade social do imigrante italiano se faz presente em vários campos da vida cultural paulista mas principalmente naquelas esferas consideradas menores, entre o artesão e o artista, ligadas ao cotidiano da vida da cidade. E talvez seja por isso que ela não encontra espaço de representação simbólica equivalente no campo da literatura ficcional. Esta, por sua vez, estava à procura das raízes nacionais, ocupada em buscar uma autenticidade nacional localizada no homem do interior, no folclore, nos mitos de origem, e não naquele elemento estrangeiro e urbano que trabalhava para ficar rico.(9)

Partindo-se dessa explicação é possível perceber que essa presença do imigrante na literatura tratou-se apenas de uma retratação do momento social da cidade de São Paulo, e não de um interesse pelo personagem em si, mas sim pelo momento pelo qual passava a capital paulista. Há, contudo, casos nos quais esse personagem estrangeiro esteve em destaque nas obras brasileiras do período. Alguns exemplos dessa aparição na literatura brasileira serão agora apresentados e brevemente discutidos.

Apesar de a presença do imigrante italiano ter ganhado maior destaque durante o modernismo no Brasil, não se pode afirmar que sua presença tenha sido ignorada até então no contexto da literatura brasileira. Ainda que não tenham sido ignorados, sua presença não se faz tão notável quando comparada ao destaque que os modernistas deram a esse contingente populacional. Carelli afirma que esses personagens

aparecem ocasionalmente na literatura brasileira, da *Giovannina* de Afonso Celso e do bandido italiano de José de Alencar aos cantores de ópera em Machado de Assis, dos trabalhadores italianos anônimos de *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, aos colonos do campo paulista em *A viagem maravilhosa*, de Graça Aranha. (124)

Como é possível perceber a partir da citação, antes do movimento modernista a parcela da população constituída por imigrantes era vista como um conjunto homogêneo e, na maioria dos casos, constituído de personagens tipos, como o bandido, os cantores de ópera, os trabalhadores ou os colonos. O caso da personagem de Afonso Celso, *Giovannina*, do livro homônimo publicado em 1896, é uma exceção desse período.

Capella afirma que:

foi preciso esperar até o início do século XX para que os imigrantes, de modo geral, e os italianos, em particular, conquistassem lugar de maior relevo na prosa nacional, para que fossem tratados menos superficialmente, em sintonia aliás com o incremento de sua importância na vida social das regiões brasileiras onde a imigração constituiu um fenômeno de massa. (149)

É relevante salientar, então, que foi a partir do modernismo que esses imigrantes ganharam um nome, uma identidade, e começaram a ser representados de uma maneira

que fazia mais jus às enormes contribuições que eles faziam à sociedade da época.

Alguns exemplos dessa mudança acerca de sua representação serão agora apresentados.

Ainda que não tão conhecido como alguns outros artistas aqui apresentados, Alexandre Ribeiro Marcondes Machado foi de extrema importância para a visibilidade do imigrante italiano no início do século XX devido à criação do personagem imigrante italiano Juó Bananère. O personagem foi utilizado como o pseudônimo sob cuja assinatura Marcondes Machado publicou à época em vários jornais e revistas. Dentre outros meios, seus textos foram publicados no jornal *O Estado de São Paulo*, e também na revista *O Pirralho* (1911 – 1918), fundada por Oswald de Andrade. Por mais que considerado pré-modernista devido ao período em que sua obra foi produzida, Marcondes Machado apresenta características importantes na construção de Juó Bananère. Dentre essas características, a mais importante foi a experimentação com a linguagem “macarrônica” que tornou-se tão popularmente associada à literatura que tratava do tema da imigração italiana. Juó Bananère publicou um livro em 1915, intitulado *La Divina Incrensa*, paródia da obra prima de Dante Alighieri, *A Divina Comédia*, livro que faz parte do cânone da literatura italiana. A seguir, apresenta-se um excerto de seu poema *Migna Terra*, presente em *La Divina Incrensa*:

Migna terra tê parmeras,

Che ganta inzima o sabiá.

As aves che stó aqui,

Tembê tuttós sabi gorgeá.

...

Na migna terra tê parmeras

Dove ganta a galligna dangola;
Na migna terra tê o Vap'relli,
Chi só anda di gartolla (Bananère 8)

As características modernistas presentes que são facilmente observáveis no trecho do poema acima transcrito. O português “macarrônico” sendo a mais destacável. A mistura de línguas, com a grafia italiana para palavras do português - “minha” grafada como “migna” -, as trocas de sons feitas por esses imigrantes - “ganta”, no lugar de “canta” e “inzima” ao invés de “em cima” - são apenas alguns desses exemplos. Não se pode deixar de notar, contudo, a paródia ao poema *Canção do Exílio*, de Gonçalves Dias. Para que a presente análise não se alongue demais, não serão discutidas as implicações dessa comparação. Contudo, será apontado o fato de que esse tipo de paródia foi extremamente abundante durante o período modernista.

Outra obra do mesmo período que merece destaque é o romance de 1933 *Parque Industrial*, escrito por Patricia Galvão. No romance proletário, a autora dá ênfase aos ítalo-brasileiros que trabalhavam nos parques industriais das fábricas de São Paulo à época. Dentre os temas tratados no romance, estão as contribuições e as lutas dos ítalo-brasileiros na área dos movimentos sindicalistas. O romance também tem um forte tom feminista.

Uma outra menção também necessária é a do romance de Mário de Andrade, *Macunaíma*, publicado em 1928. Ainda que o tema principal não seja o imigrante italiano, mas, sim, a formação do povo brasileiro, não se pode ignorar o personagem de Venceslau Pietro Pietra. O vilão da história é um “gigante comedor de gente” de origem italiana. A relevância de Pietro Pietra como antagonista italiano do protagonista poli-

racial, Macunaíma, é de grande significância dentro da obra. Esse antagonismo pode ser compreendido como, talvez, uma tentativa dos novos imigrantes de tomar posse da cultura brasileira, representada pela “muiraquitã”, pedra preciosa que o protagonista tem e que é cobiçada pelo gigante italiano.

Como aponta Carelli, “Pietro Pietra encarna os capitalistas devoradores. É a representação monstruosa, quase mítica deles” (147) e tal fato indica o ponto de vista negativo de Mário de Andrade acerca desses imigrantes. Contudo, Hohlfeldt apresenta um ponto de vista diferente. Ao comentar o posicionamento de Mário de Andrade, o crítico diz que

partindo de elementos externos que lhe estavam mais à mão, e sem jamais aproximar-se emocionalmente desse material, Mário de Andrade limitou-se a utilizar o italiano como material ilustrativo de algumas de suas teses, sem segundas intenções, mas também sem nenhuma simpatia maior pelo grupo humano que enfocava, ao contrário de Antônio de Alcântara Machado. (46)

Para Hohlfeldt, então, ainda que o imigrante representado por Andrade não fosse de todo uma versão negativa, percebe-se que essa representação também não foi positiva. Tal fato contrasta com o ponto de vista do crítico acerca do modo como Alcântara Machado via o imigrante, que, de acordo com Hohlfeldt, demonstrava maior compaixão.

Um outro caso importante a ser mencionado é do poeta descendente de imigrantes italianos Menotti del Picchia. Apesar de descende direto de imigrantes italianos, observa-se que sua obra evita tratar desse tema. Hohlfeldt aponta que isso é quase uma tendência entre descendentes diretos de imigrantes, que “abdicarão totalmente de qualquer menção a esses fatos [situações dos emigrados], preferindo outros temas, até mesmo outras raças”

(37) e o crítico então aponta que um dos personagens mais conhecidos de Menotti del Picchia chama-se Juca Mulato, uma evidente referência à “raça” característica do solo brasileiro e que dá título a seu primeiro livro de poesias, publicado em 1917.

Retornando ao romance, uma outra escritora que merece destaque é Zélia Gattai, principalmente seu romance *Anarquistas graças a Deus*. Ainda que publicado em 1979, por se tratar de um livro de memórias, é ambientado na São Paulo do início do século XX. Na obra, a autora enfoca aspectos da vida de imigrantes e descendentes italianos tais como a vida cultural - mais especificamente a cena teatral -, as dinâmicas das ruas dos bairros de grande presença italiana e, como refenciado no título, a influência anarquista dos italianos na realidade paulistana da época.

Infelizmente, uma lista completa dos autores e de obras que tratam do tema da imigração italiana que aqui está sendo discutida não seria viável devido à extensão que isso implicaria para o presente documento. Apesar de reduzida, a lista aqui apresentada oferece uma ideia geral do panorama das discussões acerca da imigração italiana no contexto da literatura brasileira no início do século XX. Acredita-se que seja também importante ressaltar que outras formas de arte - tal como as artes plásticas, a música, e o teatro - também tratam do tema. Contudo, novamente, reforça-se que tal discussão, apesar de válida e de grande relevância, implicaria uma extensão que é facultativa ao presente documento visto seu propósito.

O Imigrante em Brás, Bexiga e Barra Funda

A contribuição de Antônio de Alcântara Machado para a literatura brasileira é inegável, mais inegável ainda é a importância que esse autor deu à população italiana que habitava a cidade de São Paulo no início do século XX. A associação do livro de contos

Brás, Bexiga e Barra Funda com a representação da imigração italiana para o Brasil no período em que foi escrito é constante. Apesar de não se estar questionando a relevância do autor para a visibilidade da população de origem ítala na cidade de São Paulo à época, faz-se necessário discutir o que a locução “imigrante italiano” significa no contexto da produção de Alcântara Machado.

Primeiramente, a categoria de “imigrante” apresenta em si uma problemática de classe social dos indivíduos que chegavam ao Brasil oriundos da Itália. Como afirma Clark S. Knowlton em seu livro sobre a imigração de sírios e libaneses para o Brasil, “as autoridades brasileiras antes de 1934 definiam como imigrantes todos os estrangeiros de terceira classe que desembarcavam em portos brasileiros. Estrangeiros viajando na primeira ou na segunda classe eram considerados turistas ou visitantes.” (35) Percebe-se que o fator utilizado para a classificação dos indivíduos como imigrantes ou turistas estava baseado somente no poder aquisitivo em relação ao momento da ida para, ou melhor, de sua chegada no Brasil. Os motivos da viagem não eram questionados, apenas era considerada a classe pela qual os indivíduos alcançavam o outro continente. Embora tenha facilitado a divisão da população para o setor imigratório brasileiro, tal divisão/classificação definiu que o indivíduo considerado um “imigrante” necessariamente não pertencia às camadas de maior poder aquisitivo da população. Esta era tratada como turista ou visitante do solo brasileiro.

Publicado em 1927, então, pode-se supor que, ainda que Alcântara Machado não estivesse a par das tecnicidades do processo imigratório brasileiro, ao tratar dos imigrantes em solo brasileiro, o autor estava automaticamente tratando de indivíduos de baixo poder aquisitivo. Conseqüentemente o autor tratava uma classe social menos

elevada do que a classe dos turistas e dos visitantes, ainda que essa nomenclatura não necessariamente abarcasse o real motivo de sua viagem.

A palavra “italiano”, por sua vez, gera também uma problematização de uso. O adjetivo “italiano”, que refere-se àquele que é originário do país da Itália, não abarca todas as personagens apresentadas na coleção de contos. Na maioria dos contos presentes no livro, os protagonistas são ítalo-brasileiros, tendo como relação com a Itália não mais do que o sangue e os costumes herdados dos pais. Em poucos casos, contudo, os protagonistas são, sim, italianos que residem no Brasil. Apesar disso, todas as personagens são tratadas pela crítica como pertencentes a um único grupo, o grupo das personagens italianas.

Esse englobamento geral dado às personagens, ou seja, a falta de distinção entre imigrantes italianos e seus filhos nascidos no Brasil, bem como a falta de distinção entre cidadãos italianos e ítalo-brasileiros é problemática. Tal afirmação baseia-se no pressuposto de que há dificuldades inerentes apresentadas a cada uma das distintas parcelas populacionais presentes no livro. Ainda que no caso da presente pesquisa não estejam sendo considerados os processos legais de imigração e naturalização, presume-se que as personagens nascidas em solo brasileiro tenham cidadania brasileira, ao contrário de seus pais que foram ao Brasil na condição de imigrantes.¹⁹

Constantemente alude-se ao livro de Alcântara Machado, como já mencionado anteriormente, como uma voz que foi dada ao “imigrante italiano” residente em São Paulo. No entanto, essa é a opinião da crítica acerca do papel desse livro como elemento de divulgação dos problemas e dificuldades geralmente enfrentadas por essa parcela da

¹⁹ Para que tal afirmação seja feita toma-se como base o conto *Nacionalidade*, que alude a essa questão. Pode-se, então, inferir que a situação seja a mesma no universo dos contos desse livro.

população. Isso posto, torna-se importante recorrer às informações deixadas pelo autor em sua obra com a finalidade de se observar qual o ponto de vista que ele apresentava acerca da questão.

Alcântara Machado no prefácio, intitulado *Artigo de Fundo*, descreve seu livro como sendo “o órgão dos ítalo-brasileiros de São Paulo” e ainda afirma que seu livro trata da vida dos ‘novos mestiços nacionais e nacionalistas’ (7). Ou seja, é afirmado pelo próprio autor que seu livro não vai tratar do imigrante, mas sim “da nova fornada mamaluca”. Tal escolha léxica automaticamente exclui o imigrante original, aqui considerado como aquele que nasceu e cresceu na Itália, passou pelo processo de enculturação naquele país para, então, chegar no Brasil.

Assim sendo, faz-se possível observar que o autor estava ciente da diferença que há entre um indivíduo imigrante e um ítalo-brasileiro. Há implicações que podem ser elencadas a respeito dessa diferença:

- a. Quando considerados na mesma linhagem no solo do Brasil, a existência de um ítalo-brasileiro implica, primeiramente, a existência de um imigrante. No contexto da imigração brasileira, os ítalo-brasileiros são posteriores à presença dos imigrantes apenas;
- b. Quando considerados os processos de enculturação pelos quais passam/passaram imigrantes e ítalo-brasileiros, tratam-se de dois processos distintos: ao passo que o imigrante foi enculturado no contexto italiano - recebendo, ou não influência de outras culturas -, o processo de enculturação do ítalo-brasileiro é, ao mesmo tempo, um processo de transculturação das diferentes culturas de seus progenitores, sejam ambos de origem italiana ou não;

- c. Ao passo que o imigrante não tem mais influências diretas do ambiente do qual recebeu seus conhecimentos e práticas acerca de sua cultura, o ítalo-brasileiro está recebendo informações de duas culturas diferentes: a do imigrante italiano - modificada ou não - e a do contexto brasileiro, ambas coexistentes.

As presentes implicações acerca da diferença entre imigrantes italianos e ítalo-brasileiros, bem como as outras considerações feitas até o momento, sustentam que há, sim, uma diferença entre as duas categorias de personagens presentes em *Brás, Bexiga e Barra Funda*. Ainda que Alcântara Machado tenha afirmado que seu livro trata apenas do grupo dos ítalo-brasileiros, faz-se necessária a distinção entre ambos os grupos pois seus processos para a adaptação ao contexto brasileiro foram diferentes.

Ainda que mencionado de maneira indireta, o processo de adaptação do imigrante italiano é também aludido no prefácio do livro: afirma-se que o imigrante “adaptou-se. Trabalhou. Integrou-se. Prosperou”. (A. Machado 8) A análise dos quatro termos apontados pelo autor auxilia na melhor compreensão do processo de aculturação do imigrante:

- a. *Adaptar-se*: é a troca dos hábitos e conhecimentos culturais originais pelos hábitos e conhecimentos culturais do novo local em que se vive. Característica importante do processo de aculturação, uma vez que é a substituição da cultura original por uma outra de maior dominância que, no caso presente, trata-se da superioridade em termos de número e presença dos elementos da cultura brasileira em relação aos elementos da cultura italiana.
- b. *Trabalhar*: o trabalho é a característica primordial do imigrante italiano quando representado na literatura brasileira. Como Giorgio Marotti afirma:

O italiano é ... do ponto de vista profissional, um multiforme, empreendedor, médico, saltimbanco, homem político, apostador, colono, dono de bordel e até mesmo sacerdote. ... A única coisa que se pode dizer a respeito do italiano é que ele pertence, de uma maneira ou outra, ao mundo do trabalho, que quer dizer de uma pessoa que exercita uma atividade para poder viver; e ainda que isso pareça óbvio ... tem sua importância em uma literatura como a brasileira, cheia de personagens dedicados à doce ociosidade.²⁰ (8)

Constata-se, que, realmente, a característica apontada por Alcântara Machado não apenas está de acordo com a retratação comum do imigrante italiano, como também o distingue das personagens brasileiras, que, como apontado por Marotti, várias vezes dedicavam-se à ociosidade. Tal fato mostra como esse imigrante não apenas precisava adaptar-se à realidade brasileira, mas também sobressair-se profissionalmente em relação ao cidadão brasileiro a fim de se estabelecer na sociedade.

c. *Integrar-se*: mais uma vez a escolha lexical feita pelo autor indica o processo de aculturação pelo qual os imigrantes deveria passar. Ao dizer que os imigrantes *integraram-se* à realidade brasileira, isso indica que eles “entraram em um grupo já existente”, que é o grupo dos cidadãos brasileiros. Esses imigrantes não foram “acolhidos”, tampouco “aceitos” ou “recebidos”, porém “integraram-se” à sociedade.

²⁰ Minha tradução para “L’italiano è ... dal punto di vista professionale un multiforme, imprenditore, medico, saltimbanco, uomo politico, biscazziere, colono, tenutario di bordello, e perfino sacerdote. ... L’unica cosa che si può dire dell’italiano è che appartiene in una maniera o nell’altra al mondo del lavoro, che è cioè una di quelle persone che esercita un’attività per poter vivere; e questo, che può sembrare ovvio ... ha la sua importanza in una letteratura come quella brasiliana piena di personaggi dediti al dolce farniente.”

- d. *Prosperar*: o objetivo final de todo imigrante, na maioria dos casos, é prosperar na nova terra. Alcântara Machado indica que isso de fato ocorreu com esses imigrantes por ele tratados ao colocar esse verbo no final da lista, como sendo a conquista final após passarem por todo esse processo.

Ainda a respeito dos termos sob análise, é necessária a consideração de dois outros aspectos: a gradação dos termos e o uso da voz ativa. Gradação significa a ordem dos verbos utilizados nessa curta lista que descreve o processo pelo qual os imigrantes passaram. Essa lista pressupõe uma ordem linear, ou seja, para que se possa alcançar a próxima etapa, é indicada a necessidade de se passar pelas etapas anteriores. Nesse caso, para que o imigrante pudesse prosperar, ele necessitava, primeiramente, adaptar-se ao contexto, depois trabalhar, integrar-se para que, finalmente, pudesse prosperar. Mesmo que existam modos de encurtar essa lista na vida real, o imigrante comum tratado por Alcântara Machado necessitaria seguir à risca a ordem já estabelecida.

Outro aspecto que necessita de atenção especial é o uso da voz ativa em detrimento da voz passiva com os verbos “adaptar-se” e “integrar-se”: ao dizer que o imigrante “adaptou-se” e “integrou-se” à sociedade, ao invés de dizer “foi adaptado” e “foi integrado” à essa mesma sociedade, dá-se voz de ação a esse imigrante, colocando sua própria sorte em suas mãos. Apesar de não ser possível de se inferir apenas pelo uso desses verbos, o restante do conteúdo mostrará que essa adaptação e integração à sociedade deu-se, geralmente, a despeito da vontade dos paulistanos, que não queriam ceder lugar a esse novo contingente populacional. E retomando Marotti, o imigrante italiano é considerado um trabalhador, essa é sua característica comumente apresentada na literatura brasileira. Esse pendor à vida do trabalho é mais uma prova do poder de

ação, da característica desse imigrante de resolver seus problemas por meio de suas próprias habilidades.

A apresentação desses fatos relacionados à distinção entre imigrantes e ítalo-brasileiros tem a finalidade de estreitar o objeto de pesquisa do presente estudo. O imigrante italiano será o foco da análise que será feita. Como afirmado anteriormente, aculturação e transculturação são processos distintos que têm resultados diferentes dependentes do contexto em que se aplicam. Os indícios até aqui apresentados indicam que, no caso do imigrante italiano, a fim de prosperar ele necessitou adaptar-se ao contexto brasileiro, passar pelo processo de aculturação. Isso dito, a análise a ser feita focará apenas nos imigrantes italianos e nos indícios de aculturação que podem, ou não, ser apreendidos daquilo que é apresentado ao leitor nos contos.

Natureza dos Contos

Brás, Bexiga e Barra Funda, publicado em 1927, é composto de 11 contos que tratam da vida das personagens de origem italiana que viviam na cidade de São Paulo à época de sua escrita. Apesar de tratarem de temas variados da presença do personagem italiano que está inserido na sociedade paulistana do início do século XX, é possível dividir os temas dos contos em três grandes áreas dentro do livro.

- a. Imigrantes italianos: são contos nos quais a narrativa centra-se na história de uma ou mais personagens que apresentam origens diretas com a pátria italiana. Nesses contos pode-se perceber um vínculo afetivo entre a personagem imigrante e sua pátria de origem. Além disso, as personagens principais possuem poder de atuação na sociedade, além de, em todos os casos, demonstrarem certo sucesso

pessoal. Exemplos são os contos *A Sociedade*, *Armazém Progresso de São Paulo*, e *Nacionalidade*;

- b. Ítalo-brasileiros: são contos nos quais a narrativa centra-se na história de um ou mais personagens que, apesar de descendentes de italianos, são cidadãos brasileiros ou de dupla nacionalidade. Geralmente as personagens são crianças ou jovens. Nesse caso, a relação com a pátria italiana não é tão clara senão pelos laços sanguíneos. Não necessariamente nesse caso as personagens são dotadas de poder de atuação na sociedade, talvez motivado por sua pouca idade ou talvez por pertencerem a uma classe social mais baixa da sociedade paulistana. São os contos *Gaetaninho*, *Carmela*, *Tiro de Guerra Nº 35*, *Amor e Sangue*, *Lisetta*, e *Corinthians (2) vs. Palestra (1)*;

- c. Superioridade da população paulistana: nesses contos a narrativa centra-se, majoritariamente, na superioridade de poder que o cidadão paulistano tem quando comparado com o cidadão que pertence ao grupo de italianos da cidade. O foco maior desses contos é a falta de voz e poder de atuação do grupo minoritário dos imigrantes quando comparado ao grupo de cidadãos locais. Os contos *Notas Biográficas do Nôvo Deputado* e *O Monstro de Rodas* pertencem a esse grupo.

A presente análise trata de quatro contos: os três contos que estão presentes no primeiro grupo aqui proposto visto que se tratam de personagens que apresentam uma relação direta com a imigração e o processo de aculturação. O outro conto aqui analisado é *Notas Biográficas do Nôvo Deputado* visto que o conto pode ser compreendido como uma metáfora da evolução da presença do imigrante italiano em solo brasileiro.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE

Agora que o contexto da imigração italiana no Brasil, o movimento literário da época da produção da obra, assim como um pouco da biografia e características de escrita do autor foram apresentados, faz-se necessária a análise de alguns dos contos de *Brás*, *Bexiga e Barra Funda* para que se possa ilustrar como a aculturação do imigrante italiano foi retratada na obra de Antônio de Alcântara Machado. É importante salientar que, apesar de ser uma obra ficcional, o livro em questão, como afirma o próprio autor no prólogo intitulado “Artigo de Fundo”, tem caráter descritivo, semelhante ao de um texto jornalístico. Como já mencionado anteriormente, Pacheco valida a importância da análise da produção literária anterior à metade do século XX para pesquisas que dialoguem com conceitos de áreas tais como sociologia, psicologia e antropologia visto que nesse período é escassa a produção específica dessas áreas. Esse fato associado ao caráter jornalístico e, portanto, semi-documental, da obra de Alcântara Machado, torna a obra do escritor um universo rico para a pesquisa da vida dos imigrantes italianos na São Paulo do início do século XX.

Serão analisadas as escolhas narrativas feitas pelo autor de *Brás*, *Bexiga e Barra Funda* tais como linguagem e léxico utilizados, situações nas quais as personagens se encontram e a maneira pela qual esses elementos indicam a existência ou não de uma pauta por parte do escritor. Após o levantamento desses dados, será feita a análise baseada no referencial teórico com a finalidade de se compreender as razões que levaram

Antônio de Alcântara Machado a tal e também com o intuito de demonstrar como, em conjunto, os contos apresentados apontam para a aculturação dos imigrantes e não para uma transculturação em geral do contexto cultural no qual essas personagens existem. Partamos para a análise.

Notas Biográficas do Novo Deputado

O oitavo conto de *Brás, Bexiga e Barra Funda* é grandemente significativo a respeito da adaptação do imigrante italiano à realidade paulistana e, conseqüentemente, brasileira. Ainda que o conto em si não traga personagens que sejam imigrantes *per se*, mas de um personagem ítalo-brasileiro, notar-se-á que a percepção desse personagem filho de imigrantes pode ser compreendido como uma metáfora da situação geral do imigrante em solo brasileiro, principalmente o solo paulistano. As situações pelas quais passará o personagem filho de imigrantes durante o desenrolar do conto podem ser associadas com partes do processo de aculturação às quais os imigrantes em geral se submeteram com o intuito de serem melhor aceitos pela população brasileira.

A estrutura narrativa do conto, ao contrário dos outros contos presentes no livro, notar-se-á que está majoritariamente centrada no cidadão brasileiro e não no filho de imigrantes italianos. Em um conto que tem a maior parte da ação se desenvolvendo por meio de diálogos, ao personagem ítalo-brasileiro apenas é dada fala em dois momentos no conto quando seu padrinho, que é o centro maior da narrativa, ordena que ele responda a alguma pessoa. Em um livro que busca dar voz à personagem italiana, será importante notar como no presente conto essa personagem italiana está totalmente dependente da personagem brasileira. Mais do que isso, é válido fazer atenção ao fato de que a relação que é estabelecida é vista sob o ponto de vista do brasileiro e não do italiano. Isso porque,

como metáfora da adaptação cultural, ou aculturação, como aqui é apresentada, a relação entre os brasileiros e os imigrantes italianos foi menos problemática devido à eventual aceitação desse imigrante por parte do brasileiro. Vale também ressaltar a “obediência” do personagem estrangeiro aos mandos do personagem local, que valeram a esse estrangeiro créditos para uma aceitação mais fácil na sociedade já estabelecida.

O conto trata da história de Gennarinho, que acaba de perder seu pai e é enviado para morar com seu padrinho, o Coronel J. Peixoto de Faria, conhecido como Coronel Juca, na cidade de São Paulo. O padrinho, depreende-se por seu nome, é brasileiro nato e de grande poder não apenas aquisitivo com as fazendas que comandava, como também social visto que possui a titulação de “coronel” em um país que estava apenas começando a distanciar-se do universo da fazenda no entanto no qual os coronéis mantinham-se ainda na posição de grandes proprietários do poder. O coronel, então, após pensar muito, toma para si a incumbência da criação de Gennarinho no ambiente urbano.

A relação entre o Coronel Juca, sua esposa, Dona Nequinha, e Gennarinho é a relação como a de uma família qualquer. Esse fato é evidenciado pela conversa que Dona Nequinha tem ao telefone com uma colega sua, Nhãzinha, conversa na qual ela afirma que o Coronel Juca “faz de conta” que Gennarinho é seu filho, afinal, seu desejo sempre tinha sido o de ter um filho. Percebe-se que os padrinhos do menino preocupam-se com sua formação pessoal, profissional e religiosa. Os diálogos entre o Coronel e Dona Nequinha a respeito do jovem estão sempre relacionados à criação que darão ao jovem: a respeito de correções para suas travessuras, de sua formação profissional, afinal, não querem que ele “cresça um vagabundo”, e eles também decidem educá-lo na fé católica, visto que ambos os padrinhos são católicos.

A situação descrita permite a associação com o processo de aculturação pela imposição de uma cultura de um grupo dominante a um grupo minoritário. No caso apresentado, pode-se entender como grupo minoritário o órfão ítalo-brasileiro e o grupo dominante os padrinhos paulistanos. Ainda que essa imposição não seja totalmente não desejada, visto que o jovem não demonstra resistência, tal fato não faz com que a cultura dominante seja menos imposta. A Gennarinho não é oferecido nenhum tipo de escolha a respeito de sua formação, tampouco os padrinhos consideram a possibilidade de tentar manter a cultura original dos pais biológicos do garoto.

Percebe-se que há muito amor sendo dado dos padrinhos para Gennarinho, contudo, é importante caracterizar a natureza da relação entre as partes dessa relação. Os diálogos que são apresentados ao leitor servem como exemplificação da hierarquia que se pode depreender desses diálogos: em todas as interações dos padrinhos com Gennarinho, quando se dirigem ao pequeno, seus padrinhos usam a forma verbal conjugada no modo imperativo. Ou seja, ainda que os padrinhos se preocupem com o filho de seu compadre, o João Intaliano, quando se comunicam com o jovem órfão, a ele é dirigida algum tipo de ordem. Faz-se aqui, então, uma sugestão de compreensão da natureza dessas interações: tal como com o imigrante italiano, o cidadão brasileiro precisava sentir-se no comando da situação, precisava mostrar e sentir-se no papel de detentor de poder de ação desse novo personagem que foi recebido em seu território a fim de que essa interação gerasse frutos produtivos. No conto, a relação metaforizada por Gennarinho e pelo Coronel Juca aponta para uma relação não apenas frutífera, como extremamente proveitosa, visto que o Coronel, ao final do conto, dá seu sobrenome ao afilhado, praticamente adotando-o.

Apesar de um final aprazível a ambas as partes envolvidas, há alguns outros elementos que devem ser considerados dessa relação. Elementos que indicam a sobreposição de valores e da cultura brasileira aos valores e à cultura italiana, dentre os quais serão agora discutidos a troca do nome de Gennarinho e a significância do nome de seu pai biológico. Há um momento no conto em que o Coronel Juca enfada-se com o nome de seu afilhado adotivo e faz uma nova sugestão durante o jantar: “Esse negócio de Gennarinho não está certo. Gennarinho não é nome de gente. Você agora passa a se chamar Januário que é a tradução. Eu já indaguei. Ouviu? Êta menino impossível! Sente-se já aí direito! Você passa a se chamar Januário. Ouviu?” (A. Machado 37). Pode-se compreender essa “tradução” do nome como uma sobreposição última da cultura brasileira à cultura italiana, visto que o nome, comumente associado à concepção do indivíduo, está sendo trocado. O nome Gennarinho, de origem italiana é trocado por Januário, a “tradução” para o português, o que o torna um verdadeiro cidadão brasileiro, visto que “Gennarinho não é nome de gente”. Portanto, a troca não apenas facilitaria a compreensão das pessoas do nome do jovem, mas também o tornaria “gente” na concepção dos padrinhos e, por consequência, da sociedade como um todo.

Uma outra consideração que precisa ser feita é acerca do nome do pai biológico de Gennarinho, João Intaliano. Apenas menciona-se o personagem ao início do conto, quando o Coronel Juca está lendo a carta que recebeu da fazenda mantendo-o informado dos acontecimentos do local, quando o remetente avisa: “em último lugar, vos comunico que o seu compadre João Intaliano morreu...” (A. Machado 35). Além de oferecer ao leitor algum tipo de informação a respeito da origem de Gennarinho, faz-se necessário notar o nome de seu pai: “João Intaliano”. “João” é um nome comum na cultura

brasileira²¹ que pode ser comumente encontrado em expressões da cultura popular tais como “João-sem-braço” ou “João-ninguém”, expressões nas quais o nome é utilizado para referir-se a alguma pessoa qualquer sem, necessariamente, mencionar seu nome, ou porque não se quer fazê-lo ou porque não é relevante para o assunto. Em contrapartida, o sobrenome “Intaliano” está diretamente relacionado à origem étnica desse personagem. Como apresentado em *Artigo de Fundo* por Alcântara Machado, “Do consórcio da gente imigrante com o ambiente, do consórcio da gente imigrante com o indígena nasceram os novos mamalucos. Nasceram os intalianinhos.” (A. Machado 8) É de extrema importância relacionar esses novos “intalianinhos” com o sobrenome do pai de Gennarinho, “Intaliano”. Ainda que muito provavelmente esse não fosse seu sobrenome real, é possível que os cidadãos brasileiros, a fim de mais facilmente distingui-los de quem falavam, acabaram por adotar o adjetivo pátrio como sobrenome do personagem. Assim sendo, quando colocados juntos, “João” e “Intaliano” propõem a significação de “uma personagem qualquer de origem italiana”, o que corrobora ainda mais com o que aqui é proposto, de que o conto é uma metáfora da substituição da cultura dos italianos originários que foram ao Brasil pela cultura dominante brasileira, mais especificamente, a cultura paulistana.

Propõe-se aqui, mais uma vez, a comparação entre a carta recebida pelo Coronel Juca e o que é estabelecido em *Artigo de Fundo*. Ao passo que, no prólogo do livro, afirma-se que, a partir da mistura das raças que habitavam o Brasil e da chegada do novo imigrante “nasceram os intalianinhos”, no conto, a carta justamente afirma que “João Intaliano morreu”. A referência à morte de João Intaliano, uma outra vez vai ao encontro daquilo que aqui está sendo proposto: a de que o conto representa a aculturação dos

²¹ Na língua italiana, o equivalente seria Giovanni.

personagens de origem italiana no contexto brasileiro. De modo diferente dos outros contos que aqui são analisados, *Notas Biográficas do Novo Deputado* sugere uma compreensão metafórica do processo de aculturação por meio das personagens e eventos apresentados, visto que a pátria brasileira está metaforizada por Coronel Juca e sua esposa, ao passo que a cultura italiana está representada por Gennarinho. Nos outros contos, podem ser citados eventos específicos de elementos que apontam para a aculturação de personagens de origem italiana. Em todos os casos, contudo, o processo de aculturação indica uma maior facilidade de obtenção de êxito na tomada de quaisquer empreendimentos por parte desses novos habitantes uma vez que eles aceitassem a cultura brasileira como sua também.

Ao final de *Notas Biográficas do Novo Deputado*, é sugerida a aceitação total desse novo personagem na realidade brasileira por meio das ações do Coronel Juca, que decide dar seu sobrenome a Januário, tornando-o Januário Peixoto de Faria, bem como a vontade do Coronel de mudar seu testamento para acrescentá-lo como seu herdeiro. O título ainda faz uma outra indicação da integração de Gennarinho, agora Januário, à sociedade brasileira quando deixa implícito que o “novo deputado” tratado no título é o próprio personagem. Num país em que apenas cidadãos naturalmente brasileiros ou portugueses equiparados podem se candidatar a cargos políticos, vale ressaltar o processo de aculturação pelo qual Gennarinho precisou passar, um verdadeiro processo de desconstrução e reconstrução, para que pudesse ser considerado, primeiramente, gente; e, depois, apto a representar a sociedade brasileira na posição de um deputado, não apenas representando a si, mas também a uma grande parcela da população.

Armazém Progresso de São Paulo

O décimo conto de *Brás, Bexiga e Barra Funda*, apresenta a história da ascensão do estabelecimento comercial que dá nome ao conto e, conseqüentemente, da família Pienotto, liderada por Natale Pienotto, o patriarca e gerente do armazém. De enredo um tanto quanto descomplicado, a trama gira em torno da família que gere o estabelecimento e dos modos pelos quais a essa família seria possível ascender social e comercialmente. Como apontado por Carelli, para escrever *Armazém Progresso de São Paulo*, “Alcântara Machado se inspira num itinerário de ascensão social muito mais frequente, proveniente do enriquecimento pelo comércio”. (166)

Nesse conto, essa ascensão da família Pienotto, como pode ser constatado, é fruto da união de dois aspectos: o trabalho árduo e a desonestidade presente na nova configuração urbana das relações comerciais na cidade de São Paulo. O esforço do imigrante italiano para o desenvolvimento de seu empreendimento é apresentado ao leitor nos momentos iniciais do conto, estabelecendo a ética laboral de Natale e sua família:

O Armazém Progresso de São Paulo começou com uma porta no lado par da Rua da Abolição. Agora tinha quatro no lado ímpar.

Também o Natale não despregava do balcão de madrugada a madrugada. Trabalhando como um danado. E Dona Bianca suando firme na cozinha e no *bocce*. (A. Machado 42)

Nesse pequeno excerto, observa-se que o sucesso comercial foi fruto do trabalho árduo de toda a família. Como já assinalado anteriormente, a representação do imigrante italiano é, sem dúvida, a de um imigrante trabalhador, que transpunha adversidades com o objetivo final da prosperidade comercial e social. (Marotti XX).

A despeito dessa ética laboral apresentada, o desenrolar da história expõe que Natale, ao conseguir informações privilegiadas do “mulato da Comissão de Abastecimento”, José Esperidião, acerca do aumento do preço das cebolas, prepara-se para aproveitar dessas informações e lucrar ainda mais no preço do produto que ele oferece, tornando-se, em breve, o único a oferecer o produto no Bexiga, bairro em que atua:

- Mais um copo, Seu Doutor.

José Esperidião aceitava o título e a cerveja.

- Pois é como estou lhe contando, Seu Natale. A tabela vai subir porque a colheita foi fracota ... Ai, Ai! Coitado de quem é pobre.

Natale abriu outra Antártica.

- Cebola até o fim do mês está valendo três vezes mais ... Olhe aqui, amigo Natale: trate de bancar o açambarcador. Não seja besta. O pessoal da alta que hoje cospe na cabeça do povo enriqueceu assim mesmo. Igualzinho.

Natale já sabia disso.

- Se o doutor me promete ficar quieto - compreende? - e o negócio dá certo o doutor leva também as suas vantagens ...

Esperidião já sabia disso. (A. Machado 44-5)

Ainda que esse momento do conto indique ao leitor que talvez a ética laboral de Natale Pienotto fosse extremamente maleável, para Luís Machado, o comerciante estava agindo de maneira pertinente “ao fenômeno geral de implantação de novo sistema de relações econômicas, sociais e éticas.” (64) Junte-se a esse fato a indicação por parte do informante de Pienotto de que “o pessoal da alta” também utilizou desse mesmo artil

para alcançar a posição privilegiada na qual se encontra e será possível conceber que o imigrante, em questões comerciais, passou pelo processo de aculturação. Note-se que a informação foi trazida ao comerciante pelo “mulato da Comissão de Abastecimento”, um habitante que pode-se supor é membro da sociedade paulistana dada a sua etnicidade bastante única da sociedade brasileira - o mulato, bem como sua posição em um emprego público, visto que à época esses eram cargos obtidos por indicação. O comportamento de Natale é alterado pelas forças locais. Ainda que José Esperidião não o force a aproveitar-se dessa informação que ele lhe ofereceu, o imigrante via-se compelido a se utilizar da mesma com a finalidade de obter sucesso comercial para seu empreendimento.

Retomando a asserção de Ostendorf sobre a imigração, o fato único de sua ocorrência “força uma desintegração de si próprio, da cultura e da sociedade, bem como de seus sub setores” (577). Logo, é possível afirmar que Natale Pienotto, por ser um imigrante, passou por esse processo de desintegração mencionado e estava se reconstruindo para que pudesse agir de maneira adequada ao ambiente comercial e financeiro no qual se encontrava. Akhtar ainda aponta o “impacto geo-cultural” que sofre esse imigrante, impacto perceptível pela influência que exerce o informante nas decisões comerciais de Pienotto, visto que Esperidião afirma que a prática era comumente praticada pelos comerciantes locais como fácil via de crescimento comercial.

Não apenas as práticas comerciais da família Pienotto demonstram o processo de aculturação pelo qual estavam passando, senão a visão de futuro que tinham também apontava para a ocorrência do mesmo processo no campo social da vida dos Pienotto. Conforme apontado por Marotti, L. Machado entre outros, ao final do conto, quando Dona Bianca, a mãe da família, ao deitar-se na cama dentro do quarto em que dormem

ela, o marido, o cachorro e o filho coberto de feridas nas pernas, começa a se enxergar “no palacete mais caro da Avenida Paulista”, essa é uma clara demonstração do abasileiramento desses personagens italianos. O sonho de Dona Bianca, de morar na Avenida Paulista, uma das avenidas cujo valor imobiliário dos imóveis é dos mais caros da cidade de São Paulo, indica como ela tinha um desejo de não apenas tornar-se membro da sociedade, mas também de ascender socialmente, mover-se para uma camada social acima daquela em que estava. Ambos o desejo pelo sucesso econômico da família, bem como o desejo pela ascensão social, por melhores condições de vida, revelam que ambos os membros da família estão dispostos a desenvolver suas vidas na cidade de São Paulo. Lakey afirma que “a aculturação ocorre por meio da identificação e da internalização dos símbolos significativos da sociedade hospedeira.” (105) Essa “identificação” e “internalização dos símbolos significativos” às quais se refere Lakey podem ser encontradas no desejo de Dona Bianca de viver em uma das avenidas conhecidas por ter todo o charme e fascínio da capital paulista. Isso indica que ela estava já familiarizada com o status que era dado a tal localidade e sabia que viver em tal lugar elevaria a condição social de sua família.

Afirma-se, portanto, que essa adaptação dos valores da família Pienotto, tanto no âmbito comercial quanto no âmbito social, indicam de modo convincente que estavam passando pelo processo de aculturação visto que adaptaram sua ética laboral e projeções futuras, adaptando-as à realidade paulistana.

É de extrema importância ressaltar, contudo, que a sugestão da aculturação da família é apenas uma indicação inicial do longo processo de aculturação que, de acordo com o que afirma L. Machado sobre esse conto, está apenas no início:

Sociologicamente, a observação implícita do autor parece perfeita. A mobilidade social ascendente não importa apenas na passagem de uma posição para outra dentro da sociedade, mediante a conquista exclusiva de prestígio econômico. Os segmentos sociais distanciam-se também pela diferenciação cultural: linguagem, estilo de vida, gosto, símbolos de prestígio, etc. E não é fácil numa só geração conquistar-se prestígio econômico e cultural simultaneamente. O prestígio cultural é, no geral, alcançado mais tarde. A integração definitiva da família Pienotto em nova posição social só será realizada com a geração do menino que dorme naquele momento na caminha de ferro com a boca aberta e a perna ferida. (65)

Como proposto no presente trabalho, o processo de aculturação que pode ser percebido por meio das histórias das personagens aqui analisadas é apresentado por partes ao leitor. Os contos *Armazém Progresso de São Paulo* e *A Sociedade*, apresentam traços semelhantes, senão consequentes em relação às trajetórias de aculturação. L. Machado, inclusive afirma que o conto *A Sociedade* pode ser compreendido como um passo à frente no movimento em direção à assimilação cultural total da família representada em *Armazém Progresso de São Paulo*. O autor ainda afirma que Nino Pienotti, a criança com a perna cheia de feridas, transforma-se em Adriano Melli, pretendente à mão de uma jovem de uma família aristocrata em decadência do próximo conto a ser aqui analisado, *A Sociedade*.

A Sociedade

‘- Filha minha não casa com filho de carcamano!’ (A. Machado 25) É com essa exclamação que começa o quinto conto de *Brás, Bexiga e Barra Funda* intitulado *A*

Sociedade. Neste conto, o tom de menosprezo em relação ao imigrante italiano já está declarado desde a linha de abertura por meio da utilização da palavra “carcamano”, termo pejorativo que, utilizado na região de São Paulo, refere-se a esses imigrantes²². No conto, nota-se como o imigrante italiano passou de indivíduo menosprezado a peça de grande importância na sociedade paulistana no início do século XX. Essa transformação, como indicado no desenvolvimento da história, foi motivada, principalmente, pela astúcia desse imigrante que, mais do que nada, era um excelente homem de negócios que soube mostrar quão consideráveis poderiam ser suas contribuições para essa sociedade que se mostrava relutante em aceitá-lo.

O enredo inicial da história é, de certa maneira, bastante descomplicado: Teresa Rita, filha do Conselheiro José Bonifácio de Matos e Arruda quer se casar com Adriano Melli, filho de um comerciante de origem italiana. A mãe de Teresa é enfática ao dizer ao marido e à filha que a união não é bem vista devido à inconcebibilidade de tal ato se dar junto àquela família. É perceptível, todavia, que a impossibilidade da relação não se deve a uma falha que seja inerente e de responsabilidade do pretendente, senão de sua origem sanguínea: ele é filho de um “carcamano”.

É logo no primeiro parágrafo do conto que, sob o ponto de vista da família paulistana, a identidade étnica das famílias é apresentada ao leitor: ao utilizar o adjetivo “carcamano” da maneira pejorativa como era comum à época, a matriarca da família Arruda elicitava sua auto-proclamada superioridade em relação à família do imigrante italiano. Contudo, como bem ressaltado por Carelli, “alguns detalhes indicam que a

²² Acredita-se válido ressaltar que o uso desse termo apenas acontece em dois momentos distintos na obra: em *Artigo de Fundo* e em *A Sociedade*. Em ambos os casos, a utilização do termo vem apresentada pela voz de outros personagens que não o narrador, indicando desprezo por parte do usuário. Desprezo esse que é, depois, superado ou descreditado.

família aristocrática já está empobrecida e decadente: a mãe discute com o italiano das batatas, o pai usa uma casaca fora de moda e limpa as unhas com um palito.” (164) Por outro lado, Adriano Melli, pode-se notar, é de uma família que, apesar de ser de origem italiana, tem um padrão de vida bastante elevado, ao contrário das outras famílias de origem italiana retratadas em *Brás, Bexiga e Barra Funda*: o pretendente possui um Lancia Lambda novo, “vermelhinho”, “resplendente”, além de vestir-se com luvas e também com um chapéu *Borsalino*, uma marca bastante cara à época. O pai do pretendente possuía, além disso, uma fábrica de tecelagem de grande porte. E ainda que determinada união significasse a segurança financeira da filha e, até certo ponto, dos pais também, a matriarca da família Arruda mostrava-se intransigente, não sendo favorável a essa união.

Há uma referência a esse fato, também, no *Artigo de Fundo*, já mencionado anteriormente. Nele, o autor escreveu:

No começo a arrogância indignada perguntou meio zangada:

Carcamano pé-de-chumbo

Calcanhar de frigideira

Quem te deu a confiança

De casar com brasileira?

O pé-de-chumbo poderia responder tirando o cachimbo da boca e cuspiendo de lado: A brasileira, *per Bacco!* (A. Machado 8)

Ou seja, não apenas havia antipatia direcionada à condição socialmente inferior do imigrante. Além disso, conforme apresenta L. Machado, havia uma “resistência oposta aos que ameaçavam a organização tradicional da sociedade com o seu movimento de

ascensão.” (66) E como pode ser notado, a família tradicional paulistana, que havia herdado sua alta posição social dos idos tempos da escravatura, estava notando que seu status encontrava-se ameaçado por esses novos imigrantes que ascendiam devido a seu esforço e sua astúcia para a realização de transações comerciais. É possível observar que esse é o exato caso sendo apresentado na relação entre as famílias Arruda e Melli.

A família Arruda, como já apresentada, apesar de tradicional família paulistana, encontrava-se em estado de decadência. A família Melli, por outro lado, é o típico exemplo da família de novos-ricos que habitava a cidade de São Paulo, com todos os excessos permitidos a esse novo contingente populacional. Como já mencionado, o filho da família Melli passeava pelas ruas da cidade com roupas novas e um carro resplandecente. Seu pai, Salvatore Melli também apresenta características que elicitam sua condição de novo-rico: a utilização de um título nobiliárquico italiano adquirido quando a personagem estava já em solo brasileiro, bem como a forma de utilização de pronomes de tratamento para se referir ao pai de Teresa.

A maneira como Salvatore Melli refere-se ao Conselheiro José Bonifácio de Matos e Arruda, tratando-o por “doutor” mostra como o imigrante ainda não está totalmente confortável com sua nova posição social, o que o faz usar o pronome de tratamento de ‘doutor’ com pessoas que ele ainda considera em um estrato social acima do seu. O outro aspecto é a utilização do título nobiliárquico *Cav. Uff.*, título de nobreza vendido pela coroa da Itália²³, que o cidadão italiano apenas pôde comprar após seu

²³ Para maiores informações a respeito das “onorificenze” italianas, ou títulos nobiliárquicos, pode-se visitar os websites: <http://www.quirinale.it/qnrw/statico/onorificenze/cennistorici/omri.htm> ou então http://www.governo.it/Presidenza/onorificenze_araldica/onorificenze/omri.html ambos acessados em 05 de março de 2015

sucesso financeiro no Brasil (L. Machado 67). Com intenção de aclarar mais a diferença de origens entre os dois patriarcas apresentados no conto, Alcântara Machado “joga com os títulos de nobreza, sendo ‘conselheiro’ uma comenda do Império e a de *cavaliere*(sic.) *ufficiali* vendida pela coroa da Itália.” (Carelli 165).

A escolha de Salvatore Melli em utilizar a titulação nobiliárquica junto a seu nome, não apenas mostra como ele havia recentemente enriquecido mantendo, contudo, traços de comportamento de um novo-rico, mas também indica sua associação étnica. Conforme já mencionado anteriormente, Phinney trata da auto-identificação étnica, que é o mesmo que afirmar que é necessário procurar traços que indiquem a auto-definição de um indivíduo como pertencente a um determinado grupo. Tais características, como também já elicitado, variam dependendo dos diferentes casos. No caso presente, a necessidade que Salvatore Melli encontra em utilizar o título nobiliárquico de *Cavaliere Ufficiale* indica ao leitor que o relacionamento íntimo com a nobreza italiana significava para o imigrante um aspecto bastante importante de identificação. É válido ressaltar que o convite de casamento de seu filho, apresentado ao final do conto, traz o título do imigrante, indicando que essa escolha é feita pela própria personagem como maneira de tornar pública sua relação com o governo italiano.

Ao continuar, o conto apresenta uma mudança de situação para os personagens e também um segundo momento no qual Salvatore Melli deixa clara sua auto-identificação com a nacionalidade italiana. O desenrolar do enredo indica que o Conselheiro Arruda e o *Cav. Uff.* Melli terão uma reunião. A mãe de Teresa, muito contrária que o imigrante estivesse disposto a pedir a mão de sua filha em casamento, diz a seu marido que não aceite a proposta que Melli tinha para fazê-lo. O Conselheiro, no entanto, encontra-se

surpreso ao descobrir que a proposta de Salvatore Melli era para que ambos formassem uma sociedade para que a tecelagem do italiano pudesse expandir utilizando os terrenos do aristocrata paulistano. Terrenos esses totalmente fora de uso, porém que estavam localizados ao lado da fábrica e que garantiriam a divisão dos lucros futuros da tecelagem em metade para cada uma das partes. Sem muita hesitação o brasileiro acaba aceitando a proposta do exímio industrial italiano visto que Salvatore Melli fala:

a linguagem convincente da “verdade” econômica, plenamente a par com a ética da nascente grandeza econômica de São Paulo. E os seus argumentos de antemão estão vitoriosos, já que revelam nas suas implicações a realidade de novo contexto econômico e social, em que o trabalho substitui como símbolo de valor (com sua carga valorativa das ocupações manuais) os hábitos ociosos das velhas classes e responde em boa parte pela mobilidade social, baseada no acúmulo de riqueza. (L. Machado 68)

Em relação ao segundo instante do conto em que o imigrante apresenta uma atitude que pode ser observada como uma atitude de auto-definição étnica pertencente à identidade italiana, esta é seu comentário a respeito de um quadro que encontra-se na parede do aposento em que ele se reuniu com o Conselheiro Arruda para fazer a proposta da sociedade industrial. Em seu caminho para fora do aposento ele percebe um quadro e afirma que achou a pintura “bonita”. Nesse momento o narrador onisciente interfere, apresentando o pensamento do italiano e o comentário feito em seguida:

Pensou que fosse obra de italiano. Mas era de francês.

- *Francese? Não é feio non. Serve.* (A. Machado 27)

Ao dizer “Não é feio *non*. Serve.”, Salvatore Melli torna clara como sua opinião da obra de arte exposta na parede foi rebaixada. De uma obra de arte “bonita”, a mesma pintura passou a ser uma pintura que “serve” após o comerciante descobrir a origem francesa do pintor. A exaltação original à pintura que se acreditava ser italiana indica uma supervalorização da qualidade de tal etnicidade. Portanto, há a sugestão de que Salvatore Melli identifique-se favorável à etnicidade italiana e isso pode representar uma autovalorização. Faz-se necessário, contudo, notar que essa exaltação da etnicidade italiana opõe-se à etnicidade francesa, e não à brasileira. Salvatore Melli reconhece-se como italiano e exulta tal etnicidade, sem, contudo, denegrir a etnicidade brasileira, como é o caso da matriarca da família paulistana em relação à origem italiana do industrial. Na realidade, o caso de Melli talvez seja um pouco mais diferente em relação à sua identificação com o Brasil e a Itália.

O uso da língua italiana na fala do personagem, apesar de poder ser considerado um traço para a auto definição de identidade étnica, como apresentado anteriormente por Phinney, no caso do presente conto não pode ser tomado como único elemento visto que poder-se-ia tratar de falta de domínio da língua portuguesa. Ainda que o personagem estivesse em solo brasileiro há um período de tempo considerável visto que tinha comércios em solo paulistano, não é aclarado ao leitor se seu uso do idioma italiano seja por motivos de afirmação de sua língua ou de falta de domínio do idioma do país em que se encontrava. A fala do personagem indica justamente uma coexistência dos dois idiomas. Não há uma dominância de um idioma sobre o outro, o que talvez sugira uma visão de coexistência de sentimento de pertencimento por parte do imigrante às duas etnicidades, brasileira e italiana.

Ainda sobre a mistura de idiomas que o personagem utiliza, Carelli a descreve como uma linguagem “macarrônica”, que, a seu ver, tem o intuito principal de dar o tom cômico à obra, visto que era um procedimento recorrente das revistas e das crônicas humorísticas da época. Ainda de acordo com o autor, o tom geral do conto é a sátira social com uma dominação mais humorística do que irônica. (165)

Dando continuidade ao enredo, a sociedade é formada e, após seis meses da proposta comercial, os filhos das respectivas famílias, Teresa e Adriano anunciam sua união e o conto termina com o seguinte parágrafo: “No chá do noivado, o *Cav. Uff. Melli* na frente de toda a gente recordou à mãe de sua futura nora os bons tempinhos em que lhe vendia cebolas e batatas, *Olio di Lucca* e bacalhau português, quase sempre fiado e até sem caderneta.” (A. Machado 28)

Segundo Marotti, esse conto, principalmente o parágrafo final, indica que o imigrante afirmou-se nessa sociedade, bem como adaptou-se de maneira completa. Para o autor, o clássico esquema das famílias que não querem a união entre seus filhos por motivos de prestígio (ou falta do mesmo) social representa bem “o velho orgulho paulista contra a vistosa afirmação econômica e social dos imigrantes italianos.”²⁴ (26) Ainda consoante com Marotti, o imigrante italiano, que ainda não havia esquecido seus dias de comerciante, ao fazer o comentário à sua consogra, lembrando-a das vezes em que a ajudou em momentos de dificuldade financeira, o coloca em uma posição superior à dela. Isso se dá, contudo, de maneira natural, de modo a não chocar o leitor nem a família paulistana, afirmando de maneira categórica a integração e afirmação desse imigrante como parte da sociedade. (27)

²⁴ Minha tradução para “il vecchio orgoglio paulista contro la vistosa affermazione economica e sociale degli *imigrantes* italiani.”

A história de sucesso de Salvatore Melli retoma uma vez mais a gradação apresentada em *Artigo de Fundo*: Salvatore adaptou-se, trabalhou, integrou-se e prosperou. Esse processo, uma vez mais, “conota o sentido de aculturação do neomundanismo paulista” (L. Machado 65). Ainda de acordo com L. Machado, esse texto pode, de diversas maneiras, apresentar-se como um momento posterior àquele vivido pela família Pienotto de *Armazém Progresso de São Paulo* (65). Tal aspecto pode assinalar, então, a continuidade do processo de aculturação do patriarca que é apresentado por meio das duas personagens distintas nesses contos como se fossem uma mesma pessoa. No primeiro momento, o pai da família Pienotto familiariza-se com as regras e padrões da sociedade e os adota como objetivos para seu sucesso. No segundo momento, ao leitor é apresentada a família Melli, uma família que está colocando esses objetivos em prática por meio do patriarca, Salvatore. É importante ressaltar também que, em ambos os casos, as personagens italianas são as personagens proativas, ou seja, são agentes transformadores de seus câmbios sociais. Pode-se então, entender que o agente desencadeador do processo de aculturação parte das próprias personagens italianas como tentativa de se alcançar o objetivo final, que é a prosperidade da família no país em que agora habitam.

Nacionalidade

O último conto de *Brás, Bexiga e Barra Funda*, apresenta a história de Tranquillo Zampinetti, barbeiro, e sua família, sua mulher, dona Emília, e seus dois filhos, Lorenzo e Bruno. A história conta, basicamente, a trajetória do barbeiro do momento em que ele é apresentado ao leitor, até o momento em que torna-se cidadão naturalizado brasileiro. Além da naturalização, claro indício do processo de aculturação pelo qual o protagonista

passou e que será discutido ao final desta análise, há outros elementos que também indicam esse tipo de mudança por parte o barbeiro italiano que aqui serão discutidos.

A afirmação de Tranquillo como cidadão italiano residente no Brasil fica evidenciada desde o primeiro parágrafo do conto. Nesse primeiro parágrafo, a atenção é dada única e exclusivamente ao barbeiro. Sua família não é apresentada, mas, sim, seus costumes diários: cortar cabelos e barba de seus fregueses e ler notícias sobre a guerra na Itália no periódico ítalo-brasileiro *Fanfulla*.²⁵ Percebe-se ainda que mais da metade desse parágrafo introdutório está escrito em italiano, fator que indica a preferência da personagem pelo uso da língua. Novamente essa preferência que será evidenciada mais à frente quando o narrador afirmar que Tranquillo tinha um “desgosto patriótico e doméstico”: o fato de nenhum de seus filhos quererem comunicar-se em italiano dentro de casa.

De fato, o elemento da linguagem utilizada pela personagem principal é de extrema relevância para o contexto geral do presente conto: de um personagem que comunica-se unicamente em italiano e que exige que seus filhos utilizem a língua na comunicação diária, Tranquillo, ao final do conto, passa a utilizar uma mescla de português e italiano em que aquela língua torna-se mais proeminente. A última fala da personagem em discurso direto é “- Do que a gente *bisogna* no Brasil, *bisogna* mesmo, é *d'un buono govêrno*, mais nada!” (A. Machado 48). É possível perceber que houve uma mudança na relação do imigrante italiano com a língua. Do uso único da língua italiana que pode ser percebido no começo do conto, o imigrante passa a utilizar uma linguagem

²⁵ O periódico *Fanfulla* é conhecido por servir de meio de informação para os imigrantes italianos acerca de notícias da Itália e do Brasil desde sua fundação em 1893 até os dias atuais. À época em que o conto foi escrito, o jornal era apenas editado e impresso em italiano. Atualmente é bilingue. Para maiores informações, pode-se consultar o website do próprio periódico: www.jornalfanfulla.com

que é, majoritariamente, dominada pela língua portuguesa. Essa troca é já um primeiro indício do processo de aculturação do personagem de Tranquillo Zampinetti.

Há, contudo, outros elementos presentes no conto que também indicam a mesma sorte em relação à cultura original do imigrante. Primeiramente, pode-se citar o interesse demonstrado pelo pai de família aos eventos que ocorrem em sua pátria materna. Ao leitor é apresentado um Tranquillo que entusiasma-se ao ler a respeito da guerra na Itália, acompanha todos os episódios bélicos publicados pelo jornal *Fanfulla*, além de discutir com seus vizinhos e também conterrâneos o único tema que a eles interessava: *Itália. Itália. Itália e mais Itália*. (47) Tranquillo, como é afirmado no conto, ainda tinha uma ideia fixa: retornar à sua pátria de origem. Não obstante, esse interesse muda. Tranquillo alista-se eleitor e começa a exercer a função de cabo do Partido Republicano Paulista. O conto também faz referência à Primeira Guerra Mundial e ao interesse inicial do imigrante que, aos poucos, é deixado de lado em troca de seu crescente interesse pela política brasileira. Observa-se, portanto, que o interesse inicial e desejos de voltar à Itália, que certamente indica associação étnica com o país de origem mudou. Tal mudança aponta não somente para um distanciamento com a Itália, seu território e os acontecimentos sociais e políticos que lá estavam ocorrendo, essa mudança também indica uma aproximação com o Brasil. Uma aceitação dos paradigmas sociais, políticos e também econômicos do país, pois não se deve esquecer que, ao se aposentar, Tranquillo transformou-se de barbeiro a proprietário de imóveis na cidade de São Paulo e também torna-se ‘compadre do primeiro subdelegado do Brás’ (47).

Além da mudança da língua utilizada, da deslocação do país de interesse do ex-barbeiro e dos empreendimentos comerciais dos quais Tranquillo começou a ocupar-se,

há mais um fator a ser considerado: o requerimento de sua naturalização por parte de seu filho. Ao final do conto, o narrador indica que a família Zampinetti cresceu - Lorenzo casou-se e teve um filho - além de Bruno ter se formado bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de São Paulo. O último parágrafo do conto - e do livro - traz ainda a informação de que Bruno requereu a naturalização de seu pai como cidadão italiano residente em São Paulo.

O último acontecimento do conto e do livro como um todo é o mais importante em relação à afirmação que aqui se faz de que Alcântara Machado, da maneira pela qual escreveu os contos de *Brás*, *Bexiga e Barra Funda*, apresentou os modos pelos quais o imigrante italiano passou pelo processo de aculturação para adaptar-se e alcançar o objetivo de prosperar na nova terra que o recebeu, ainda que essa recepção não tenha sido tão calorosa quanto ele merecia.

Pacheco afirma que “naturalização é um índice de assimilação” (211) e não poderia ser diferente visto que, conforme foi anteriormente apresentado, aculturar-se significa perder traços da cultura inicial e adquirir traços de uma nova cultura. E é justamente isso o que ocorre quando o imigrante italiano submete-se à cultura local ao aculturar-se e naturalizar-se brasileiro. Como individual, esse processo indica a aceitação e o compartilhamento das crenças e costumes do país hospedeiro. Talvez sua participação na vida política brasileira, o desenrolar da vida de seus filhos, bem como o crescimento de sua família, com a adição de uma nora e um neto, o tenham influenciado a querer adotar o Brasil como sua pátria.

Ainda em relação à naturalização de Tranquillo, é importante ressaltar a circunstância sob a qual essa se deu: o requerimento foi apresentado por seu filho Bruno.

Nota-se que houve uma inversão dos papéis de pai e filho no que diz respeito à criação daquilo que pode ser considerada a identidade do cidadão: quando uma criança nasce, são geralmente os pais que iniciam o processo de requisição de documentos dessa criança. A inversão dos papéis de pai e filho é relevante para esse contexto uma vez que ao pai é como se fosse obtida uma nova identidade: a identidade de brasileiro. E é seu filho, um cidadão ítalo-brasileiro, que faz o requerimento dessa união de culturas. Neste momento, a simbologia do ítalo-brasileiro como unificador de duas culturas distintas assinala a importância desse novo cidadão na construção da sociedade paulistana. Não é mais o imigrante fanático e que não gosta de usar português o que está sendo inserido na sociedade, mas, sim, um imigrante que está ajudando a melhorá-la e que, assim como está aprendendo a língua local, está também sentindo-se parte desse novo ambiente.

Finalmente, é válido discutir o posicionamento desse conto dentro da coletânea. Por ser o último conto do livro, *Nacionalidade* tem uma tonalidade esperançosa, um sentimento de confiança a respeito da integração da nova ‘raça’ à população brasileira e, particularmente, à população paulistana. Há contos de caráter sombrio, de injustiça, bem como caráter cômico ou simplesmente de intuito de descrição de costumes. Todavia, esse último conto do livro dá ao leitor a ideia de que essa integração do imigrante à sociedade, apesar de um pouco controversa e até um pouco desdenhada a princípio, veio a ser benéfica para todas as partes envolvidas. Essa integração não apenas foi benéfica, como bem sucedida, visto que o sucesso pessoal, financeiro, educacional e familiar são claramente indicados no conto.

Concorda-se, aqui, com o que também é apontado por Ricupero e Carelli quando afirmam que o posicionamento desse conto para finalizar o volume, ilustra a trajetória do

carcamano resumida no editorial: Zampinetti é o imigrante que adaptou-se, trabalhou, integrou-se e prosperou (Carelli 167). Logo, a análise holística da trajetória dessa personagem possibilita a compreensão de como o processo de aculturação se mostrou na vida de Tranquillo Zampinetti.

CAPÍTULO 4

CONCLUSÃO

Bem acolhida ou não, é notável que a presença italiana no contexto paulista não passou despercebida. De grande impacto na capital do estado de São Paulo, os imigrantes causaram um impacto tamanho nas dinâmicas até então estabelecidas que os intelectuais da época resolveram representar essa nova configuração social em suas obras. O Modernismo, como movimento artístico que buscava representar as novas mudanças pelas quais o Brasil estava passando, encontrou no imigrante um relevante objeto de estudo que representava essa nova situação social. Alcântara Machado, escritor modernista dedicado à retratação da cidade de São Paulo como em uma reportagem jornalística não conseguiria ignorar essa presença crescente do imigrante italiano. A retratação desse imigrante, contudo, foi feita de um modo que talvez não faça jus às verdadeiras contribuições dos imigrantes ao contexto paulistano. As razões que levaram o artista tal são desconhecidos, é possível, no entanto, fazer algumas especulações acerca de tais razões.

Como se pode perceber dos contos aqui analisados, a representação do imigrante de origem italiana é, de certa forma, um tanto caricata: o imigrante é geralmente o “carcamano” que chegou ao Brasil e trabalhou para crescer economicamente e integrar-se à sociedade. Nas palavras do próprio Alcântara Machado, esse personagem “não disse nada. Adaptou-se. Trabalhou. Integrou-se. Prosperou.” (A. Machado 8) E, como já discutido na seção “O imigrante italiano” do presente estudo, essa apresentação, ainda

que sucinta, diz muito acerca da visão do autor sobre seu objeto de inspiração. Não obstante, para que essa prosperidade referida na descrição de Alcântara Machado pudesse acontecer, nota-se que esse imigrante precisou adaptar-se ao contexto brasileiro. E essa adaptação foi aqui estudada sob o prisma da teoria da aculturação, que, nos casos apresentados, de seu de diversas maneiras.

Como percebido em *Notas Biográficas do Novo Deputado*, o personagem Gennarino representa a cultura italiana tentando prosperar no contexto brasileiro. Mas percebe-se que a pressão da sociedade paulistana, metaforizada por Coronel Juca e Dona Nequinha, ainda que não por maldade, impõe mudanças a essa cultura a fim de que se torne aceitável nesse novo contexto. Gennarinho precisa “traduzir” seu nome para Januário a fim de se “tornar gente”. O jovem também é tratado no conto apenas por meio de ordens, implicando a subordinação à superioridade paulistana. No texto ainda, o falecimento de João Intaliano, o pai do jovem Gennarino, deixa implícita a ideia da morte do imigrante italiano, deixando sua herança genética e cultural à mercê da bondade e boa-vontade da cultura brasileira. Cultura essa sempre tida como paternalista e que acolhe bem as diferenças mas que, nota-se, demonstra-se receptiva e acolhedora apenas quando a cultura nova se adapta às vontades brasileiras.

No conto *Armazém Progresso de São Paulo*, a história da ascensão da família Pienotto apresenta ao leitor a trajetória comercial da referida família e a maneira como tanto o patriarca, Natale, como a matriarca, Bianca, familiarizam-se com costumes, práticas e ideias da sociedade paulistana e acabam por adotá-las como parte de seu dia-a-dia. Natale, como personagem italiano, não foge à regra do imigrante que chegou no Brasil, trabalhou e prosperou. No entanto, é ajudado por um membro da sociedade

paulistana, José Espiridião, o mulato da Comissão de Abastecimento. O paulistano lhe dá informações para que Natale possa aplicar um pequeno golpe e lucrar mais, fazendo, assim, crescer seu estabelecimento comercial. Como o próprio mulato afirma, a prática da utilização de informação privilegiada era comum entre os bem-sucedidos comerciantes paulistanos, portanto, Pienotto devia fazer o mesmo a fim de obter o mesmo resultado. Além disso, ao final do conto, a esposa de Natale, Dona Bianca, começa a se imaginar em um palacete na Avenida Paulista. O contraste entre a imaginação de Dona Bianca e sua realidade é gritante, visto que ela, o marido, o filho com a perna coberta de feridas e o cachorro dormem no mesmo cômodo nos fundos do armazém que dá nome ao conto. O devaneio da mãe de família, contudo, indica dois pontos: a ânsia por prosperidade no ambiente brasileiro bem como o reconhecimento dos paradigmas sociais que indicam opulência, fartura, e riqueza no contexto paulistano, representado pela aquisição de uma casa na Avenida Paulista. O conto termina deixando em suspenso a questão do futuro da família Pienotto, que, conforme aqui proposto, pode ser de certa maneira observado no conto *A sociedade*, visto que a formação das famílias é semelhante, bem como suas trajetórias. Propõe-se, então, como indicado por Luís Machado, que essas histórias sejam a mesma história de várias famílias de imigrantes, apenas apresentadas ao leitor como momentos distintos da adaptação à capital paulista.

Em *A sociedade* ao leitor é apresentada a relutância da típica família paulistana em aceitar os novos imigrantes como parte da sociedade. Contudo, a perspicácia do imigrante italiano e seu sucesso comercial o ajudam a se inserir nessa sociedade e, eventualmente, se aceita até para fazer parte da mesma família. Apesar de toda essa perspicácia demonstrada, o imigrante ainda é representado como um novo-rico que não

está acostumado ao comportamento da aristocracia original, mantendo hábitos e comportamentos considerados um tanto quanto ridículos e pedantes. Ademais, ainda que em superioridade econômica, o imigrante ainda precisa que o decadente aristocrata paulistano o aceite a fim de que o empreendimento do italiano possa prosperar mais. O conto indica que, por mais que o imigrante esteja conseguindo evoluir, desenvolver seu negócio e crescer na sociedade, adquirindo bens e fazendo fortuna, ele ainda precisa ser aceito pela população original do lugar. O sucesso comercial não implica uma automática aceitação. A submissão aos desejos e vontades paulistanos, sim. A divisão dos lucros pela metade entre as famílias, quando a parte com a qual contribuiu o aristocrata foi ínfima se comparada ao patrimônio já existente construído pelo italiano, apenas reforça a ideia dessa submissão para aceitação e sucesso comercial. Apesar de intrinsecamente relacionado às atividades desenvolvidas pelos imigrantes italianos, o conto indica uma nova configuração social, na qual o êxito comercial estava começando a tomar o lugar da supremacia aristocrática. E o sucesso do comércio e das indústrias paulistas esteve, como já mencionado, intimamente associado com as levadas de imigrantes italianos para a cidade.

No último conto analisado, intitulado *Nacionalidade*, a trajetória de Tranquillo Zampinetti é apresentada. As mudanças pelas quais passa o imigrante são grandes exemplos do processo de aculturação pelo qual passaram os imigrantes a fim de se assimilarem à cultura brasileira. O italiano, de barbeiro torna-se proprietário de imóveis na cidade de São Paulo. Muda seu interesse pelas questões da guerra na Itália por questões políticas no Brasil. Deixa de exigir a utilização do idioma italiano dentro de sua casa e começa a aceitar o uso do português, principalmente após o nascimento de seu neto. E como grande final para o livro *Brás, Bexiga e Barra Funda*, a última cena do

último conto do livro traz o pedido de Tranquillo Zampinetti para naturalizar-se cidadão brasileiro. Essa última cena tem um teor de extrema importância dentro do livro, indicando que, apesar de todas as dificuldades pelas quais os imigrantes italianos passaram ao longo de sua adaptação, eles aceitaram a pátria brasileira como sua e decidiram tornar-se cidadãos do país. No entanto, mais uma vez é mostrado como o imigrante está tentando se adaptar ao país, fazendo-se igual ao cidadão paulistano ao buscar a cidadania brasileira. É interessante notar a supressão de personagens brasileiras nesse conto e a opinião de tais personagens acerca do tópico. Talvez Alcântara Machado tenha querido mostrar que esse processo se daria com a aprovação ou não dos paulistanos, que esse processo era evidente, natural e irremediável. Isso porque o Brasil, conforme visto pelos modernistas, era uma pátria que deglutia as contribuições estrangeiras de modo a se criar, a ser esse pastiche de informações e culturas diversas que apenas contribuíram para que o imigrante quisesse também integrar essa sociedade tão culturalmente rica e que oferece tamanhas oportunidades de crescimento pessoal, econômico e social.

Caso a presente pesquisa pudesse ser aprofundada, alguns casos se fazem interessantes de serem discutidos mais a fundo:

- a. O enfoque nos personagens ítalo-brasileiros. Uma análise semelhante àquela aqui apresentada auxiliaria ainda mais na compreensão dos objetivos do autor ao compor o livro de contos *Brás, Bexiga e Barra Funda*. Ademais, como aqui afirmado, os ítalo-brasileiros são a representação da transculturação, da união das culturas brasileira e italiana. Com isso em mente, a pesquisa que tratar desse tema poderá focar-se em aspectos que aqui não puderam ser

estudados, como, por exemplo, as práticas culturais percebidas nos ítalo-brasileiros que tiveram sua origem da cultura brasileira ou então na cultura de seus pais imigrantes, ou então a linguagem utilizada, entre outros temas;

- b. A recepção da obra de Alcântara Machado não apenas no contexto da literatura modernista, mas também pela população da época e sua eventual importância para a aceitação ou inserção da população de imigrantes que se fazia notar na cidade de São Paulo. A consulta a jornais, revistas e outros tipos de periódicos produzidos à época será útil para essa forma de pesquisa;
- c. Um ponto a ser estudado em profundidade é a presença de personagens de cor negra ou de origem indígena em *Brás, Bexiga e Barra Funda*. Ainda que minimamente, ao menos as personagens negras estão presentes em alguns dos contos do livro. As personagens não apenas tem uma participação ínfima, mas estão em posições sociais ainda inferiores às personagens de origem italiana. Como já mencionado, indígenas e negros são refenciados em *Artigo de Fundo* como as duas raças que, junto à raça branca dos portugueses, ajudou a formar a população brasileira. Ainda que Alcântara Machado não tenha deixado claro o fato de que as personagens com quem os italianos interagem ao longo do livro são brancos, isso pode ser suposto visto que alguns pertencem à aristocracia, essa, majoritariamente branca. Sob o prisma dos estudos raciais ou étnicos, com o auxílio de informações populacionais, talvez seja possível problematizar e buscar algumas repostas para esse fato encontrado com a presente pesquisa.

Além das sugestões para pesquisas futuras, aqui também deve-se fazer um comentário acerca de um problema encontrado ao longo da pesquisa: a dificuldade do acesso a informações que, algumas vezes, estão disponíveis apenas em formato digital ou físico em universidades, museus ou acervos brasileiros. Ainda que o Sistema de Bibliotecas da Universidade da Geórgia tenha sido de grande e imensurável valia para a presente pesquisa, emprestando livros de outras universidades e disponibilizado inúmeros artigos de bases de dados, houve casos em que artigos referenciados em algum texto lido apenas encontravam-se disponíveis em formato físico ou em mídias digitais - tais como documentos em CDs ou DVDs - em bibliotecas e acervos localizados em solo brasileiro. Por mais que esse tipo de obstáculo não tenha feito a realização da pesquisa impossível, alguns desses textos certamente constituiriam acréscimos de grande valor ao presente texto. Sem mais considerações a serem feitas acerca dos problemas aqui encontrados, parte-se para a finalização do texto.

Após as discussões aqui apresentadas acerca da importância do imigrante para a realidade brasileira, seja essa a realidade social, a econômica, a industrial, ou mesmo a literária, não se pode negar que a raiz maior dessa importância foram as contribuições para a cultura e a sociedade em geral. Contribuições essas que causaram tamanho impacto no momento em que aconteceram que foram retratadas de diversas maneiras e de diversas formas. A representação literária da imigração italiana assume distintas formas, algumas de caráter de consagração, outras, de caráter desdenhoso. No caso de Antônio de Alcântara Machado, ao contrário de outros escritores, percebe-se que sua representação dessa parcela populacional se deu de maneira um tanto quanto desinteressada. O caráter jornalístico de sua obra talvez o tenha levado, ao máximo de sua capacidade, a manter

sua opinião sobre o assunto. Alguns detalhes, contudo, indicam que precisou haver por parte do imigrante, força de vontade e proatividade para que sua adaptação à realidade brasileira ocorresse com o mínimo possível de transtornos. Percebe-se que a população não se mostrava receptiva a esse grupo tido como uma ameaça aos antigos valores tão cômodos à população já existente. Percebe-se, também, que a iniciação da mudança, que a aceitação dos imigrantes à sociedade geralmente parte do próprio imigrante quando ele reconhece valores existentes, quando ele aceita e almeja tais valores como parte de si, sejam esses valores tidos como positivos - o trabalho árduo, a aquisição de um palacete em uma área nobre - ou sejam esses valores tidos como negativos - o uso de informações privilegiadas, ou então a submissão às vontades dos aristocratas paulistas.

Fato é que, ainda que o objetivo de Alcântara Machado tenha sido apenas o de documentar o perceptível e inegável crescimento da importância dos imigrantes italianos em solo paulistano, o modo como isso foi feito oferece vestígios que mostram de algum modo como o autor se sentia a respeito do tema. As descrições do processo de adaptação das personagens aponta claramente que tais imigrantes passaram pelo processo de aculturação. As implicações do que é 'aculturação' auxiliam na compreensão desse ponto de vista. Visto que aculturação implica que uma cultura de caráter inferior cede às pressões - diretas ou não - de uma cultura superior, aponta que esses imigrantes italianos que se aculturaram em solo brasileiro com o intuito de se adaptarem e serem aceitos, mostra como esse imigrante era tido como algo inferior. Se inferior por serem em menor quantidade, por percepção de inferioridade devido à diferença de costumes apenas, por puro preconceito ou então por estranhamento, o diagnóstico talvez varie para cada caso analisado. Não se pode negar, no entanto, que essa inferioridade estava presente, seja por

expressões claras de desprezo - “Filha minha não casa com filho de carcamano!” - ou por imposições sutis ou não - a comunicação apenas por meio de imperativos, ou a ‘tradução’ do nome de Gennarino para Januário - a implicação é a de que esse imigrante é subjugado, é inferior à população paulistana.

É necessário ter em consideração, contudo, que o propósito de Alcântara Machado, de acordo com ele mesmo, foi o de “fixar tão somente alguns aspectos da vida trabalhadeira, íntima e cotidiana desses novos mestiços nacionais e nacionalistas.” (A. Machado 8) O autor afirma diversas vezes que trata dos ítalo-brasileiros, dos “novos mestiços”. É objetido do autor, portanto, tratar das questões inerentes à nova geração, à geração que tem influência de duas pátrias, que se espalha pela cidade de São Paulo e está conquistando seu lugar e mudando as configurações locais e as práticas há tempo arraigadas em solo paulistano. Em seu livro, porém, há contos nos quais o foco são os imigrantes, pais dos ítalo-brasileiros. E esses são representados de uma maneira inferiorizada quando comparados aos brasileiros, ainda que esses imigrantes tenham sempre, a princípio, boa índole e sejam muito dedicados a seus objetivos. Possivelmente, os motivos que o levaram a representar essa inferioridade seja para apontar uma dinâmica social corrosiva à sociedade da época, a da discriminação. Discriminação da qual o imigrante desviava por seu próprio esforço, adaptando-se, trabalhando, integrando-se. Tal fato apenas indica o quanto esses novos cidadãos dedicaram-se à pátria que os subestimou, passando por vários obstáculos a fim de prosperar e oferecer uma boa criação a seus filhos, que viriam a tornar-se também filhos da pátria por seus pais tão amada, o Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Trabalhos Citados

- Akhtar, Salman. *Immigration and Acculturation: Mourning, Adaptation, and the next Generation*. Lanham, Md.: Jason Aronson, 2011. Print;
- Alcântara Machado, Antônio De. *Novelas Paulistanas: Brás, Bexiga E Barra Funda. Laranja Da China. Mana Maria*. Contos Avulsos. 2a. Edição. 2nd ed. Vol. 84. Rio De Janeiro: Livraria José Olympio, 1971. Print. Coleção Sagarana;
- Andrade, Mário De. *Macunaíma*. New York: Random House, 1984. Print;
- Bananère, Juó. *La Divina Incrensa*. 7ª E 8ª ed. São Paulo: Irmãos Marrano, 1924. *Biblioteca Brasileira Guita E José Mindlin*. Universidade De São Paulo. Web;
- Capela, Carlos Eduardo Schmidt. “Italianos Na Ficção Brasileira: Modernidade Em Processo”. *Fragmentos* Jul-dez 21 (2001): 147-64. Print;
- Carelli, Mario. *Carcamano E Comendadores: Os Italianos De São Paulo, Da Realidade À Ficção (1919-1930)*. São Paulo: Editora Atica, 1985. Print;
- Cenni, Franco. *Italianos No Brasil: "andiamo in 'Merica..."* 3rd ed. São Paulo: EDUSP, 2003. Print;
- Galvão, Patrícia. *Parque Industrial*. Porto Alegre, RS: Mercado Aberto, 1994. Print;
- Gattai, Zélia. *Anarquistas, Graça a Deus: Memórias*. São Paulo: Companhia Das Letras, 2009. Print;
- Hohlfeldt, Antonio. *Pelas Veredas Da Literatura Brasileira*. Porto Alegre: Instituto Estadual Do Livro, 1994. Print;

- Knowlton, Clark S. *Sírios E Libaneses; Mobilidade Social E Espacial*. São Paulo: Editora Anhambi, 1960. Print;
- Lakey, Paul. "Acculturation: A Review of the Literature." *Intercultural Communication Studies* XII.2 (2003): 103-118. Print;
- Machado, Luís Toledo. *Antônio De Alcântara Machado E O Modernismo*. Vol. 146. Rio De Janeiro: Livraria José Olympio, 1970. Print. Coleção Documentos Brasileiros;
- Marotti, Giorgio. *Il Personaggio Dell'italiano Nel Romanzo Brasiliano Dell'Ottocento E Novecento*. Vol. 3. Roma: Bulzoni, 1978. Print. Ricerche Brasiliane;
- Marden, Charles F., and Gladys Meyer. *Minorities in American Society*. 3rd ed. New York: American Book, 1968. Print;
- Oliveira, Lúcia Lippi. "Os Italianos E Os Modernistas Paulistas." *GT: Pensamento Social No Brasil* (2002). Print;
- Ortiz, Fernando. *Contrapunteo Cubano Del Tabaco Y El Azúcar: Advertencia De Sus Contrastes Agrarios, Económicos, Históricos Y Sociales, Su Etnografía Y Su Transculturação*. Ed. Enrico Mario. Santí. 1st ed. Madrid: Cátedra, 2002. Print. Letras Hipánicas;
- Ostendorf, Berndt. "Literary Acculturation: What Makes Ethnic Literature "Ethnic"?" *Callaloo* 25. *Recent Essays from Europe: A Special Issue* (1985): 577-86. Print;
- Pacheco, Renato José Costa. "O Imigrante Na Literatura Brasileira De Ficção." *Sociologia* 18 (1956): 201-232. Web. 24 Sept. 2014;

- Pereira, Tatiana Antonia Selva. *Transculturização, Identidade E Diferença Cultural Em O Recurso Do Método E O Reino Desde Mundo De Alejo Carpentier*. Diss. Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul, 2006. Porto Alegre: Programa De Pós-Graduação Em Letras, 2006. Print;
- Phinney, Jean S. “Ethnic Identity and Acculturation.” *Acculturation: Advances in theory, Measurement, and Applied Research*. Ed. Chun, Kevin M., Pamela Balls Organista, and Gerardo Marín. Washington, D.C.: American Psychological Association, 2003. 3-13. Print;
- Picchia, Menotti Del. *Juca Mulato. Máscaras. O Amor De Dulcinéia. Angustia De D. João. Poemas*. São Paulo: Martins, 1972. Print;
- Ricupero, Rubens. “Alcântara Machado: Testemunha Da Imigração”. *Estudos Avançados* 7.18 (1993): 139-62. Print;
- Trimble, Joseph. E. *Introduction: Social Change and Acculturation*. *Acculturation: Advances in theory, Measurement, and Applied Research*. Ed. Chun, Kevin M., Pamela Balls Organista, and Gerardo Marín. Washington, D.C.: American Psychological Association, 2003. 3-13. Print.

Trabalhos Consultados

- Birkle, Carmen. *Migration-miscegenation-transculturation: Writing Multicultural America into the Twentieth Century*. Heidelberg: Winter, 2004. Print;
- Bosi, Alfredo, and Pedro Meira. *Monteiro. Colony, Cult and Culture*. Dartmouth, MA: U of Massachusetts Dartmouth, 2008. Print. Luso-Asio-Afro-Brazilian Studies & Theory I;

- Carneiro, Maria Luiza Tucci. “Literatura De Imigração E Literatura De Exílio: Realidades E Utopias”. *Revista De Crítica Literária Latinoamericana* Año XXIII45 (1997): 67-80. Print;
- Chun, Kevin M., Pamela Balls. Organista, and Gerardo Marín. *Acculturation: Advances in Theory, Measurement, and Applied Research*. Washington, D.C.: American Psychological Association, 2003. Print;
- Hutter, Lucy Maffei. *Imigração Italiana Em São Paulo (1880 - 1889)*. Vol. 22. São Paulo: Instituto De Estudos Brasileiros - USP, 1972. Print;
- Marden, Charles F., and Gladys Meyer. *Minorities in American Society*. New York: American Book, 1962. Print;
- Pereira, João Baptista Borges. *Italianos No Mundo Rural Paulista*. São Paulo: Livraria Pioneira, 1974. Print;
- Regazzoni, Susanna. “Italia Argentina Una Historia Compartida: Syria Poletti Immigrante Italiana, Escritora Argentina.” *Dimensões* 26 (2011): 60-75. Print;
- Santí, Enrico Mario. *Fernando Ortiz: Contrapunteo Y Transculturación*. Madrid: Colibrí Editorial, 2002. Print.